

UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Carlos Augusto Ferreira Kopp

**NEOLIBERALISMO, CAPITAL PÓS-HUMANO E EDUCAÇÃO:
REFLEXOS DE *BLACK MIRROR***

Santa Cruz do Sul

2019

Carlos Augusto Ferreira Kopp

NEOLIBERALISMO, CAPITAL PÓS-HUMANO E EDUCAÇÃO:

REFLEXOS DE *BLACK MIRROR*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado, Área de Concentração em Educação, Linha de Pesquisa Educação Cultura e Produção de Sujeitos, da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Mozart Linhares da Silva

Santa Cruz do Sul

2019

CIP - Catalogação na Publicação

Kopp, Carlos Augusto Ferreira

Neoliberalismo, capital pós-humano e educação: reflexos de
Black Mirror / Carlos Augusto Ferreira Kopp. – 2019.

90 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Santa
Cruz do Sul, 2019.

Orientação: PhD. Mozart Linhares da SILVA.

1. Pós-humano. 2. Neoliberalismo. 3. Educabilidade. 4. Black Mirror.
5. Capital pós-humano. I. SILVA, Mozart Linhares da. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UNISC
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Carlos Augusto Ferreira Kopp

**NEOLIBERALISMO, CAPITAL PÓS-HUMANO E EDUCAÇÃO:
REFLEXOS DE *BLACK MIRROR***

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado, Área de Concentração em Educação, Linha de Pesquisa Educação Cultura e Produção de Sujeitos, da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Data da aprovação: ____/____/____

Dr. Mozart Linhares da Silva
Professor Orientador – UNISC

Dra. Maura Corcini Lopes
Professora Examinadora – UNISINOS

Dra. Betina Hillesheim
Professora Examinadora – UNISC

Dr. Camilo Darsie
Professor Examinador – UNISC

Santa Cruz do Sul

2019

AGRADECIMENTOS

Em um país marcado pelas desigualdades sociais como o Brasil, a oportunidade de cursar uma Pós-Graduação permanece um privilégio para poucos. Infelizmente, encerro meu mestrado testemunhando a ascensão de um governo que dificulta ainda mais a concessão de bolsas e recursos para que outras pessoas consigam realizar este sonho. Por isso, inicio essa sessão de agradecimentos reconhecendo a oportunidade que me foi concedida e da necessidade de que mais estudantes sejam beneficiados em suas trajetórias acadêmicas.

Além do investimento da CAPES, preciso destacar também o apoio que recebi dos meus pais nos últimos anos. Essa dissertação só foi escrita graças ao trabalho e a compreensão deles, que sempre me proporcionaram todas as condições (financeiras e afetivas) para que eu focasse em minha formação acadêmica.

Ao meu professor e orientador, Mozart Linhares da Silva, por todos estes anos de parceria. Nesses seis anos como seu orientando você sempre me apontou os caminhos para crescer, aprender e desenvolver minhas capacidades como estudante e pesquisador. Sou eternamente grato por todas as oportunidades, por seus ensinamentos e por seus conselhos.

Aos professores da banca examinadora por terem aceito o convite e terem feito uma leitura tão delicada de meu projeto de pesquisa. Suas sugestões e questionamentos foram fundamentais na condução desta dissertação.

Aos amigos Camila, Marluce, Angela, Letícia, Janaína, Douglas, Andreza, Rita, Marisa, Josí, Carina, Patrícia, Paula e demais colegas o meu agradecimento por toda a ajuda proporcionada nesses últimos anos. Obrigado por tornarem esse processo ainda mais doce com sua companhia, com nossos encontros e por dividirem tanto da experiência de vocês comigo.

Aos meus amigos que, mesmo indiretamente, acompanharam essa caminhada. Amanda, Marina, Marcelly, Dalvan, Leonardo, Murilo, Pedro, Melanie, Fernanda, Guilherme, Arthur, César, Letícia, Yanaê, Vitor, João, Gabriela e Douglas: muito obrigado!

Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISC que proporcionaram um ambiente tão acolhedor mesmo com linhas de pesquisa tão diferentes. Ao Professor Felipe por uma das lições mais importantes desses últimos dois anos: o mestrado precisa ser uma caminhada feliz. Esses dois anos, ainda bem, foram muito felizes.

Às secretárias Mariele e Daiane pela paciência, pelo trabalho e pelo carinho com que sempre me receberam.

À professora Adriana Thoma da Silva Thoma (in memoriam) que em um encontro tão breve me proporcionou tantos momentos de troca. Tua energia permanece viva dentro de cada uma das pessoas que você tocou.

*“The human ability of movement can never reach those of dogs, cats or birds.
Weapons and vehicles are what bring out the abilities of humans.”*

Ryo Asuka

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar como as redes sociais e o sistema de crédito social transformam os processos de educabilidade, desempenho e constituição dos sujeitos na sociedade neoliberal contemporânea. O referencial teórico-metodológico consiste do conceito de pós-humano e das perspectivas *foucaultianas* de neoliberalismo e formação dos sujeitos, compreendendo-os como resultado de um conjunto de práticas discursivas e dispositivos que visam sua condução, constituição e governo. O *corpus* discursivo é o episódio *Nosedive* da série *Black Mirror*, que aborda uma sociedade na qual as pessoas são constantemente avaliadas e podem conquistar privilégios sociais de acordo com seu comportamento. A partir da leitura do episódio foi possível perceber que a espetacularização do eu nas redes sociais e o sistema de crédito social constituem-se como um novo espaço de investimento de si e que os sujeitos buscam novas plataformas para se educarem e aprimorar seu capital pós-humano.

Palavras-chave: Pós-humano. Neoliberalismo. Educabilidade. Black Mirror. Capital pós-humano.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze how social networks and social credit system transform the processes of educability, execution and subjective constitution in the contemporary neoliberal society. The theoretical-methodological reference is the concept of posthuman and the Foucauldian perspective of neoliberalism and subject constitution, understanding them as a result of a set of discursive practices and dispositifs that aim to conduct, constitute and govern them. The discursive *corpus* is *Nosedive*, an episode of the series *Black Mirror* that approaches a society where people are constantly being evaluated and can get social privileges according to their behavior. Based on the episode it was possible to perceive that the self spectacularization on social media and the social credit system are a new space of self-investment and that the subjects search new for new platforms to educate and improve their posthuman capital.

Keywords: Posthuman. Neoliberalism. Educability. Black Mirror. Posthuman Capital.

SUMÁRIO

1 LOGIN: INTRODUÇÃO	1
2 PÓS-HUMANOS: SUJEITOS DA CONTEMPORANEIDADE	19
2.1 Pós-humano e pesquisa em educação.....	28
3 O ESPELHO DE <i>BLACK MIRROR</i>	33
3.1 O <i>streaming</i> e as novas formas de consumo cultural	33
3.2 <i>Nosedive</i> : mergulhando em <i>Black Mirror</i>	37
4 GOVERNAMENTALIDADE NEOLIBERAL, TEORIA DO CAPITAL HUMANO E HOMO ECONOMICUS: ESPELHOS DA CONTEMPORANEIDADE	50
4.1 Sobre a Governamentalidade	51
4.2 Governamentalidade neoliberal e Teoria do Capital Humano	61
4.3 O <i>homo economicus</i> e a governamentalidade neoliberal em <i>Nosedive</i>	63
5 EDUCABILIDADE, DESENVOLVIMENTO BIOTECNÓLICO E CAPITAL PÓS- HUMANO	67
5.1 Educabilidade em contextos neoliberais	67
5.2 Redes sociais e crédito social: o Capital Pós-humano	70
6 LOGOFF: CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS	89
ANEXO I – Tabela de decupagem.....	91

1

LOGIN: INTRODUÇÃO

Para tornar mais claro o que proponho realizar nessa dissertação, julgo importante relatar alguns acontecimentos que marcam minha trajetória enquanto pesquisador com a finalidade de melhor justificar minhas escolhas teóricas e de que forma fui introduzido a esta temática de pesquisa.

Minha trajetória acadêmica teve início no ano de 2011, quando ingressei no curso de Licenciatura em História da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Em 2012, após um período como bolsista voluntário, tornei-me bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) no projeto *Da Lei de Terras a Abolição: a relação entre fazendeiros, colonos e escravos no Vale do Rio Pardo*, coordenado pelos Profs. Drs. Roberto Radünz e Olgário Paulo Vogt. A escravidão não é mais uma temática com a qual eu trabalhe em minhas pesquisas e produções na academia, entretanto, esta experiência inicial foi fundamental para minha constituição como pesquisador.

No ano de 2013, vinculei-me ao grupo de pesquisa *Histórias invisíveis de vida: Sujeitos negros, subjetividade e educação na região do Vale do Rio Pardo*, coordenado pelo Prof. Dr. Mozart Linhares da Silva. Sob a orientação do Professor Mozart, fui apresentado aos estudos do filósofo Michel Foucault e autores que trabalham com a temática racial e a eugenia. No ano de 2014, teve início o projeto de pesquisa *Biopolítica, Eugenia e Educação no Brasil (1900 – 1950)*, que deu uma ênfase maior aos estudos *foucaultianos*, a partir da leitura de obras do autor e outros pensadores filiados à perspectiva pós-estruturalista.

Destaco essa troca de projetos como um importante movimento acadêmico, tendo em vista que essas primeiras leituras de Foucault e seus comentadores foram

fundamentais para a construção de uma nova lente de referências, pois minha trajetória anterior estava ligada aos referencias do marxismo histórico.

Como bolsista de Iniciação Científica FAPERGS e CNPq – nos anos de 2014 e 2015 –, dediquei minha pesquisa ao conceito de medicalização e procurei entender como a emergência do saber médico influenciou o campo da Educação no Brasil durante o Estado Novo. Este recorte não foi por acaso, levou em consideração o *corpus* discursivo da pesquisa: o periódico *Revista do Ensino do Estado do Rio Grande do Sul*, do qual selecionei e analisei artigos em meu Trabalho de Conclusão de Curso, defendido no final de 2015 com o título *Medicalização da Educação: a Revista do Ensino do Estado do Rio Grande do Sul (1939 – 1942)*.

A trajetória acadêmica que exerci durante a graduação evidenciam que esta foi marcada pelos deslocamentos, afinal, estava em um curso de licenciatura, mas também integrava grupos de pesquisas acadêmicas. Apesar de hoje compreender que não existe docência sem pesquisa, algo que tento considerar em meu trabalho como professor da rede pública, a experiência de ser aluno de um curso de licenciatura e bolsista de Iniciação Científica nos impõe essa dúvida: qual caminho seguir após a formatura? Atualmente, enquanto professor e pesquisador, tento equilibrar essas funções e penso que essas dúvidas e incertezas, naturais do processo de formação, me fizeram ter uma compreensão diferente daquilo que desejo em minha vida profissional.

No ano de 2017, fui selecionado como bolsista do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISC, e tinha como objetivo dar sequência aos meus estudos sobre os processos de medicalização da educação. Entretanto, o contato com outras temáticas, professores, colegas e a participação em eventos fez com que o encantamento pela temática fosse perdendo a força, afinal, a necessidade de continuar publicando trouxe um esgotamento no meu interesse pela medicalização da educação. Era necessário pensar em outras formas de realizar minha pesquisa, de traçar novos caminhos.

Em um primeiro momento, eu e meu orientador pensamos em trabalhar com a medicalização na contemporaneidade, ou seja, analisar fenômenos como a

manipulação genética, a “eugenia”¹ contemporânea. Após algumas leituras iniciais, percebi que esta não era a temática que gostaria de enfatizar nesses dois anos. Em um dos encontros do grupo de pesquisa do Prof. Mozart, o mesmo sugeriu a leitura do livro *Homo Deus*, de Yuval Noah Harari. A leitura do livro e as temáticas exploradas pelo autor me instigaram a pensar a contemporaneidade, entretanto, enfatizando os processos de constituição dos sujeitos frente ao neoliberalismo e o desenvolvimento biotecnocientífico. Como o surgimento de novas tecnologias influencia a nossa sociedade e as nossas relações? De que forma os estudos da neurociência afetam a educação? foram alguns questionamentos iniciais provocados pela leitura dessa instigante obra.

O texto de Harari e a maneira que o autor questiona como a ciência, a tecnologia, a medicina e outros campos do saber estão afetando as relações sociais me deixou muito interessado nesses processos. Assim, no primeiro ano como mestrando, foi necessário que eu buscasse novos conceitos para entender esses fenômenos trabalhados por Harari, lembrando também que era necessário relacionar estas discussões com a Educação, afinal, está é a área de concentração do programa no qual estou vinculado.

Em meu primeiro ano do mestrado, me interessei por diversos conceitos e abordagens diferentes desta temática. Dediquei minhas leituras a novas perspectivas, como a aceleração do tempo, o conceito de pós-humano, ciborgue, espaço de experiência, horizonte de expectativa, biopolítica, capital humano, utopia/distopia, neoliberalismo, bem como, os artefatos que iriam compor meu *corpus* discursivo, que incluíram séries, documentários, livros e até mesmo as redes sociais. Esse encantamento com a temática e os novos caminhos possíveis dentro da pesquisa foram muito importantes, pois a necessidade de abrir mão de determinados conceitos, objetos, perspectivas e desejos pessoais me fizeram amadurecer como pesquisador e compreender o processo de construção de uma dissertação com mais humildade.

¹ Utilizo o termo eugenia entre aspas pois alguns autores consideram que as terapias e manipulações genéticas não podem ser consideradas processos de eugenia levando em consideração que a eugenia dos séculos XIX e XX relacionou-se diretamente com os interesses dos Estados-nação. Ver RABINOW, P.; ROSE, N. O conceito de biopoder hoje. **Política & Trabalho**: Revista de Ciências Sociais, João Pessoa, n. 24, abr. 2006.

Inserido na linha “Educação, Cultura e Produção de Sujeitos” e dando sequência aos meus estudos em uma perspectiva pós-estruturalista², não compreendo o sujeito como uma essência ou um fenômeno conduzido por processos biodeterministas, mas como resultado do atravessamento do contexto no qual estes estão inseridos. Desta forma, ao estudar o neoliberalismo, o desenvolvimento biotecnológico e o capital pós-humano entendo que estes processos são responsáveis pela condução de um tipo “ideal” de sujeito, constituído dentro da lógica do mercado, da potência e da performance. Isso não significa dizer que todos os sujeitos são atravessados por estes discursos de forma homogênea ou que este sujeito que visio identificar em meu trabalho é a única configuração possível, mas sim de analisa-lo como *uma das formas* possíveis, mas não exclusiva, de experienciar o mundo.

Ao refletir sobre essas questões e minhas escolhas, penso que esse momento de incerteza e essa necessidade de “abraçar” diversos conceitos condizem com a criação de um novo caminho. Após esse exercício de rever, repensar, reler e reescrever, destaco como conceitos principais de minha pesquisa o conceito de pós-humano, o neoliberalismo e a educabilidade.

O desenvolvimento biotecnológico ressignifica visões de mundo, realidades e campos do saber. A “era da informação” recebe esse nome pois estabelece uma nova relação com o conhecimento, onde novos tratamentos para doenças até então incuráveis, a existência de água em outros planetas, pulseiras inteligentes e robôs com inteligência artificial são apenas alguns exemplos de inovações divulgadas pelos veículos de comunicação diariamente. Frente à amplitude da temática da pós-humanidade, julgo necessário demarcar certos limites para melhor relacionar este tema com a pesquisa em educação.

Nessa direção, meu objetivo de pesquisa consiste em analisar como o desenvolvimento das redes sociais digitais e dos sistemas de crédito social ressignifica

² Conforme Márcia Adriana Brasil Aguilar e Josiane Peres Gonçalves “o pós-estruturalismo rompe com a concepção de um ser humano essencialista e universal compreendido pelos estruturalistas e permite pensar nas mais variadas formas de experiências vivenciadas em diferentes contextos, por diferentes indivíduos (2017, p. 38)”.

os processos de educabilidade, desempenho e constituição dos sujeitos na contemporaneidade.

Entendo a contemporaneidade como uma postura, um posicionamento dos sujeitos em relação ao contexto (de tempo e espaço) no qual estão inseridos. Não se trata de pensar o pós-humano ou o ciborgue como “à frente de seu tempo”, mas de compreendê-los como sujeitos que estabelecem uma relação de *estranhamento* e *distanciamento* com o seu tempo. Como nos aponta Agamben:

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a *relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo*. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela (2009, p. 59).

Partindo deste conceito, compreendo o tempo enquanto experiência cultural, ou seja, um domínio que constitui os sujeitos. Dentre os exemplos citados por Giorgio Agamben para ilustrar seu conceito de contemporâneo está a moda. A moda representa o contemporâneo pois “ela que introduz no tempo uma peculiar descontinuidade, que o divide segundo a sua atualidade ou inatualidade, o seu estar ou o seu não-estar-mais-na-moda” (2009, p. 66). Como a moda, o pós-humano também marca uma descontinuidade. Neste caso, com a ideia de humano.

Utilizo como *corpus* discursivo a série *Black Mirror*, compreendendo-a como um artefato da indústria cultural e disparadora de reflexões acerca da temática do desenvolvimento biotecnológico e seus impactos nas relações pós-humanas. A popularização da série e a emergência de artigos, vídeos no *YouTube* e pesquisas tentando explicar ou discutir seus episódios mostram que a mesma se constituiu como uma importante referência no que tange às questões por mim analisadas no imaginário popular, sobretudo nas comunidades virtuais europeias, norte-americanas e brasileiras. Qual o futuro anunciado na série? Como os personagens e situações da série relacionam-se com a subjetividade neoliberal e a ideia de capital pós-humano?

As perspectivas de utopia e distopia, que antes davam título ao trabalho, foram substituídas pelo espelho enquanto uma figura de linguagem. Entendo o espelho – o

olhar-se no espelho e o *mirror* que nomeia meu objeto de análise – como uma postura enquanto pesquisador. O interesse em buscar “reflexos” dos processos que analiso a partir de *Black Mirror* é o que move esta pesquisa, interesse este de compreender como o meu próprio comportamento e minhas escolhas também se constituem a partir das relações que estabeleço com as tecnologias que utilizo e como estas afetam minhas formas de vivenciar o mundo.

Desta forma, pesquisar a temática do pós-humano demanda um exercício de pensar o que *somos* e o que podemos *vir a ser*. Ao utilizar-se da História como método, Foucault nos aponta que aquilo que é poderia ser diferente, ou seja, a historicidade das coisas faz com que elas sejam resultado de um processo dinâmico, resultando em comportamentos, organizações e visões de mundo que diferem dos quais estamos habituados. Não se trata de um exercício de alcance da “verdade”, e sim uma maneira de colocar estas discussões em pauta. Assim, conforme Guacira Lopes Louro (2007), acredito que “provocar a polêmica, a discussão e o dissenso pode ser um modo de sacudir o estabelecido, pode contribuir para promover modificações nas convenções e regras, pode ser (quem sabe?) um jeito muito criativo de lidar com o conhecimento. (p. 237)”.

Apesar de sua emergência nos anos 80, as “discussões pós-humanas” conquistam um espaço cada vez maior dentro e fora da academia. Isso porque, conforme os artefatos biotecnológicos ficam mais potentes e apresentam novas funções, transformam-se também as narrativas acerca do futuro e dos impactos – utópicos ou distópicos – da sua utilização. Ao problematizar a ideia de pós-humano não pretendo assumi-la como um modelo totalizante, mas como uma possibilidade. Apesar da dicotomia entre pós-humano e humano ser necessária para a articulação destes conceitos, penso que os processos de subjetivação permitem que os sujeitos se constituam de maneiras plurais. Romper com o humano não significa que o deixamos de ser, mas sim que o somos de outra forma. Como nos aponta Louro:

Estudiosos e estudiosas pós-modernos sugerem a produtividade de se pensar de um outro modo, na base do e/e, ou seja, admitindo que algo pode ser, ao mesmo tempo, isso e aquilo. Já se adivinha, por esse comentário, que apostamos na possibilidade de questionar o

pensamento binário e oposicional com o qual estamos acostumadas a lidar e nos lançamos para experimentar a pluralidade (2007, p. 238).

Trabalhar com a ideia de pós-humano não condiz com um descarte da ideia de humano, afinal, o prefixo *pós* indica um deslocamento da categoria de humano, ou seja, só posso analisar o conceito de pós-humano a partir de uma ideia daquilo que o humano significa. Nessa direção, assumo essa mesma postura para pensar o conceito de capital *pós*-humano pois o compreendo como uma nova forma de pensar a produção de si em uma sociedade neoliberal.

Para atingir meu objetivo de pesquisa, organizei esta dissertação em quatro capítulos. No primeiro, faço uma discussão acerca do conceito de pós-humano. Este conceito está diretamente implicado neste trabalho e é um dos principais condutores da discussão que proponho. Quem é esse sujeito contemporâneo e de que forma ele relaciona-se com a tecnologia? Como este conceito pode contribuir para a pesquisa em educação?

O segundo capítulo também foi organizado em duas seções. Na primeira, apresento a série *Black Mirror* e justifico minha escolha deste artefato cultural como *corpus* discursivo desta pesquisa levando em consideração o *streaming* a forma como as plataformas digitais como a Netflix ressignificam o que entendemos por consumo cultural. Na segunda seção, faço um resumo do episódio destacando cenas e elementos que compõe a narrativa de *Nosedive*.

No terceiro capítulo abordo a governamentalidade neoliberal e a constituição do *homo economicus* na contemporaneidade. Para tanto, além diferenciar o liberalismo clássico e o neoliberalismo, adentrei em questões como a liberdade, o papel do Estado, a formação constante e o investimento de si. Também fiz uma retomada de pontos específicos de *Nosedive* como forma de articular a leitura deste episódio com estas perspectivas.

O quarto capítulo é onde realizo a discussão envolvendo a educabilidade, o desenvolvimento biotecnológico e o capital pós-humano. Além disso, também discorro acerca da espetacularização do eu e da emergência dos sistemas chineses de crédito social como uma nova forma de investimento de si.

Como considerações finais, tracei alguns comentários sobre o processo de escrita desta dissertação e as possibilidades de pesquisa que permanecem em aberto dentro da temática do desenvolvimento biotecnológico, a educação e demais campos do conhecimento.

Considero importante atentar o leitor pela minha escolha de utilizar o nome completo das autoras e autores que serviram como referencial teórico-metodológico em minha dissertação, tendo em vista o processo de invisibilização que as pesquisadoras sofrem dentro da academia.

2

PÓS-HUMANOS: SUJEITOS DA CONTEMPORANEIDADE

Iniciei minhas leituras dirigidas pelo conceito de pós-humano. Utilizo o termo *pós-humano* como um termo “guarda-chuva” nesta discussão, pois existe uma diversidade de nomeações diferentes para um fenômeno bastante semelhante, como o conceito de pós-orgânico, ciborgue, pós- evolucionista, pós-biológico, etc.

Tendo em vista as diferentes nomenclaturas que este sujeito recebeu, destaco minha adoção do termo *pós-humano* neste trabalho. Apesar de Paula Sibilia, meu principal referencial teórico nestas questões, utilizar o termo pós-orgânico, penso que o termo pós-humano (no que se refere a sua grafia) é uma opção mais interessante levando em consideração que meu interesse nesta pesquisa consiste também em pensar o capital humano. Assim, o humano/pós-humano vai ao encontro da ideia de capital humano e capital pós-humano.

Estes conceitos são bastante caros às discussões em áreas como a Antropologia e a Comunicação, por isso, procurei enfatizar em minha pesquisa os trabalhos que relacionam esta perspectiva com a temática da Educação, sobretudo as produções de Lucia Santaella e Paula Sibilia. Donna Haraway e Tomaz Tadeu da Silva também são nomes importantes nesse panorama, entretanto, mantém sua discussão mais próxima do campo da Antropologia. Penso que esta pluralidade de campos do saber interessados nesta categoria conceitual evidencia que o pós-humano é um fenômeno transversal e se constitui em diversas esferas sociais, políticas e culturais.

Meu primeiro contato com as discussões pós-humanas foi estabelecido a partir do texto *Pós-humano: por quê?* de Lucia Santaella. No texto, a autora compõe um importante panorama conceitual, apresentando diferentes perspectivas e concepções acerca do pós-humano. Destaco também o texto de Santaella como um condutor desta pesquisa, pois a trajetória conceitual traçada pela autora serviu como um fio condutor em meu percurso referencial metodológico.

Conforme Santaella (2007), o desenvolvimento de tecnologias como o computador nos anos 1950 foram responsáveis por uma significativa transformação nas formas como aprendemos, ensinamos, percebemos e interagimos com o mundo. Apesar da impossibilidade de prevermos o futuro, Santaella considera seguro afirmar que a tecnologia irá constituir-se de forma cada vez mais presente em nossas atividades, incluindo as atividades de ensino e aprendizagem.

Para a autora, o movimento *cyberpunk*³ colocou importantes questões filosóficas sobre a realidade e a natureza humana em uma sociedade onde os artefatos tecnológicos conquistavam cada vez mais espaço e relevância. Nesse terreno fértil no qual a ficção científica e as incertezas provocadas pelo futuro que a expressão “pós-humano” foi se popularizando, bem como, variações como os termos “pós-biológico” e “biomaquinal”. De acordo com Santaella (2007, p. 129), “o sema comum que as une encontra-se no hibridismo do humano com algo maquinico-informático, que estende o humano para além de si”. O pós-humano surge da transformação do corpo (entendido aqui como um organismo biológico) dos seres humanos e inclui problemáticas que se relacionam com a genética, os sistemas e a distribuição de informação, a segurança pública, a engenharia, entre outros.

Os prognósticos do futuro foram bastante frequentes nos anos 1980, e filmes como *Blade Runner* (1982), *O Exterminador do Futuro* (1984) e *Robocop* (1987) são alguns exemplos que nos apresentam uma sociedade onde a tecnologia, o futuro e a realidade eram uma questão a ser pensada. Mesmo do gênero de ação e apelando para explosões, cenas de perseguição e trocas de tiro entre robôs, androides e seres-humanos, filmes como os citados apresentam transformações em nossas organizações político-sociais. Como o mundo será organizado no século XXI? Como a tecnologia pode auxiliar a manutenção da sociedade? A “imparcialidade” das máquinas não tornaria a sociedade mais justa? Sua potência não a deixaria mais seguras? Dúvidas de um contexto no qual a tecnologia começava a se desenvolver em um ritmo cada vez mais acelerado e proporcionavam novas possibilidades de comunicação, interação, armazenamento de dados e controle.

³ Adriana Amaral (2003, p. 4) define o *cyberpunk* como “uma visão de mundo atual que engloba literatura, música, cinema, teorias, a cultura jovem e a cultura da MTV e a cultura do PC/Macintosh”.

A partir da leitura de Santaella e do papel dos movimentos e artefatos culturais na emergência do pós-humano como um problema filosófico, optei por lançar como objeto de pesquisa um artefato cultural como forma de analisar de que maneira estas questões circulam no presente. Assim, encontrei em *Black Mirror* uma possibilidade de pensar essas problemáticas.

Dentro das discussões pós-humanas, deparei-me também com o conceito de *ciborgue*. O termo ciborgue surgiu nos anos 1960, com um estudo desenvolvido por Manfred E. Clynes e Nathan S. Kline para a NASA. Neste estudo sobre a possibilidade dos seres humanos sobreviverem no espaço, os autores chegaram à conclusão de que era mais viável intervir diretamente no organismo humano do que tentar modificar as condições espaciais. Assim, para Clynes e Kline (1960) “alterar as funções corporais de um homem para alcançar os requisitos extraterrestres seria mais lógico do que prover um ambiente habitável para ele no espaço” (p. 26)⁴.

Surgiu assim o ciborgue, uma mistura das palavras *cybernetic* (cibernético) e *organism* (organismo). O ciborgue “incorpora componentes exógenos ampliando o controle funcional autorregulado do organismo para adaptá-lo a novos ambientes” (CLYNES & KLINE, 1960, p. 27)⁵. Ao atribuir a característica de cibernético a um organismo, os cientistas pretendiam nomear o sujeito do espaço, que consegue adaptar-se as condições espaciais a partir de intervenções e modificações em sua estrutura biológica.

Apesar do ciborgue continuar aparecendo na produção de filósofos como Andy Clark⁶, foi nos anos 1980 que o conceito ganhou maior visibilidade, visto que “o imaginário cultural acerca desse ser híbrido já estava suficientemente fertilizado pelo cinema e pela TV (SANTAELLA, 2007, p. 130)”. A proliferação do ciborgue em livros,

⁴ Tradução minha

⁵ Tradução minha.

⁶ Na perspectiva da Andy Clark, os seres humanos nascem ciborgues tendo em vista que a mente é uma extensão de nosso corpo. Para estudos mais detalhados acerca da produção filosófica do autor, ver MOLINA, S. F. Ciborgue: a mente estendida de Andy Clark. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal de São Carlos, 2007.

músicas, filmes e séries o transformou em um personagem bastante comum na cultura ocidental, bem como, em uma questão filosófica a ser pensada.

A partir da publicação do *Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX*, a pesquisadora feminista Donna Haraway assinalou um novo momento de discussão acerca do ciborgue, utilizando o termo criado por Clynes e Kline como uma forma de denominar um processo de subjetivação que perpassa a influência das biotecnologias. Ou seja, se o ciborgue dos anos 1960 denominava um sujeito espacial, Haraway traz essas questões para o campo terrestre e o identifica nas arenas olímpicas, nos campos de futebol, nas passarelas de moda, etc.

De acordo com Haraway (2009), o ciborgue é um sujeito diluído em uma ampla rede de saberes e interações que tem como objetivo a sua transformação em uma máquina de alta performance, um híbrido de carne e metal. Se em um primeiro momento o ciborgue nos remete a ideia de robôs e próteses de última geração, a leitura de Haraway nos aponta o fenômeno de forma mais “sutil”, mas não por isso menos ciborguiana. Os suplementos que tomamos antes e depois de treinarmos na academia, os remédios para permanecer concentrado em uma jornada de estudos, o silicone e as lipoaspirações de modelos e as dietas também são compreendidos pela autora como medidas tomadas pelos ciborgues em sua busca por mais potência.

O “choque” causado pelos escândalos com atletas envolvidos no uso de drogas e outras substâncias para melhorar seu desempenho não faz sentido para a autora, levando em consideração que os atletas hoje são ciborgues e estão inseridos em uma rede de informações e tecnologias que otimizam seus rendimentos – com ou sem o uso de anabolizantes. As fibras que tecem os maiôs de nadadores recordistas e os diferentes calçados para diferentes esportes também são exemplos da cultura ciborguiana que transforma as potências dos corpos sem uma intervenção direta neles.

Na concepção de Haraway, o ciborgue é um “mito irônico e político”. Tendo em vista a dissolução do ciborgue em diversos aspectos da sociedade, Haraway considera necessário que o ciborgue, esse sujeito que rompe o *status quo*, seja compreendido como um importante fenômeno político. Os ciborgues não têm pátria, operam em redes

cada vez mais globalizadas pela utilização das tecnologias e da conectividade de seus dispositivos. Como nos aponta Haraway

O ciborgue está determinadamente comprometido com a parcialidade, a ironia e a perversidade. Ele é oposicionista, utópico e nada inocente. Não mais estruturado pela polaridade do público e do privado, o ciborgue define uma pólis tecnológica baseada, em parte, numa revolução das relações sociais do *oikos* – a unidade doméstica. Com o ciborgue, a natureza e a cultura são reestruturadas: uma não pode mais ser o objeto de apropriação ou de incorporação pela outra. Em um mundo de ciborgues, as relações para se construir totalidades a partir das respectivas partes, incluindo as da polaridade e da dominação hierárquica, são questionadas (2009, p. 39).

A transgressão do ciborgue ocorre pela forma com que este rompe suas fronteiras e seus limites. A relação entre sujeito e objeto não é possível em uma sociedade de ciborgues, considerando-se a forma como o orgânico e o artificial misturam-se pela ausência desta fronteira. Mente e corpo, natural e máquina, interno e externo são binarismos e polaridades aproximadas dentro (e fora) do ciborgue.

De acordo com Edvaldo Souza Couto (2012), esse híbrido de realidade e ficção que caracteriza o ciborgue ocorre em três momentos. De um lado, o ciborgue marca um rompimento entre a natureza e a cultura onde a fronteira entre o animal e o humano passa a ser transgredida. Os acoplamentos de órgãos humanos em animais, e vice-versa, marcam um apagamento da separação dos seres humanos dos outros animais. Nos Estados Unidos, por exemplo, pesquisas atuais estudam a utilização de órgãos de origem suína em transplantes⁷.

O segundo momento apontado por Couto condiz com a humanização das máquinas e da maquinação dos humanos. Além dos órgãos animais, cientistas estudam a produção de órgãos e partes do corpo artificiais que emulam as funções dos órgãos vivos. Como vimos anteriormente, as próteses e acoplamentos biotecnológicos ampliam o que se entende por potencialidade, visto que as máquinas regulam e ampliam o funcionamento de nossos corpos. A título de ilustração, um grupo da

⁷ Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/05/porcos-serao-doadores-de-orgaos-para-humanos-diz-pesquisa-dos-eua.html>> Acesso em: 19 ago. 2018.

University College of London desenvolveu um sistema de inteligência artificial capaz de identificar mais de cinquenta doenças dos olhos com 94% de precisão⁸.

Como terceiro momento, a desmaterialização das máquinas. Cada vez menores, os artefatos tecnológicos se desenvolvem em um movimento de redução de tamanho. As máquinas tornam-se rapidamente invisíveis, os aparelhos ficam menores, mais finos e leves⁹. Nas palavras de Couto, “a interface não diz respeito à matéria, mas à informação (2012, p. 22).

Na esteira das problematizações dessas subjetividades biotecnológicas merece atenção também a produção de Paula Sibilia. Em *O homem pós-orgânico* Sibilia (2015) define o pós-orgânico – denominação que a autora utiliza para nomear o pós-humano, o ciborgue, etc. – como um projeto de transformação da vida em informação. Para a autora, o pós-orgânico é um fenômeno da contemporaneidade e uma nova forma de compreensão das relações entre os seres humanos, a natureza e a tecnologia.

As respostas para o mistério da “natureza” humana emergem em diferentes contextos epistemológicos, que envolvem a cosmovisão de diferentes grupos culturais e suas manifestações estéticas, religiosas e científicas. Se na Idade Antiga e no medievo a origem do homem e do mundo era baseada em mitos plurais, a ciência renascentista e moderna não estava satisfeita com tais explicações. Como nos aponta Mozart Linhares da Silva:

A sociedade hierárquica medieval coerente com a cosmologia aristotélica, imutável, cheia de ordem e respeitante às qualidades e valores do indivíduo - assim como os corpos celestes respeitavam um lugar estabelecido pela providência (quinta essência de Aristóteles batizada pelo cristianismo como a casa de Deus) - dará lugar a uma sociedade aberta, assim como a infinitude do universo, “igualitária”; assim como a equivalência espacial dos corpos celestes; apreensível racionalmente, como a mecânica universal. Aquele mundo cheio de ordem, finito, hierárquico e conservador, tipificado na sociedade estamental é fissurado pela homogeneização espacial do universo (sociedade política e direito natural) (1999, p. 58).

⁸ Disponível em: <<https://www.theguardian.com/technology/2018/aug/13/new-artificial-intelligence-tool-can-detect-eye-problems-as-well-as-experts>> Acesso em: 19 ago. 2018.

⁹ Como exemplo, trago um grupo de pesquisadores brasileiros da Universidade Estadual de Campinas que conseguiu produzir fibra óptica oca utilizando uma impressora 3D. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2018/08/pesquisadores-da-unicamp-produzem-fibra-optica-a-partir-de-impressora-3d.shtml>. Acesso em: 19 ago. 2018

A emergência da Física e da Biologia foram fundamentais neste primeiro movimento, pois até então o universo e os homens eram fruto das emoções de diferentes deuses. Assim, a ciência europeia passou a investigar diversas matérias e fenômenos para compreender o mundo. Isso não significa um abandono a Deus ou seu papel na criação do homem, entretanto, se antes a pergunta era “*como fomos criados?*”, na modernidade a pergunta passou a ser “*como funcionamos?*”.

Com os estudos astronômicos realizados na modernidade, o universo passou a ser compreendido como uma máquina composta por diferentes peças, que exercem diferentes funções e, juntas, garantem o seu funcionamento a partir de regras, como as leis da física. De acordo com Franklin Baumer:

A natureza aparecia agora como uma grande máquina ou relógio, feita de matéria morta, que possuía fundamentalmente características matemáticas, que funcionava mais mecânica que teleologicamente, obediente a leis naturais invariáveis (1990, p. 69).

Nesse contexto, a fisiologia cede espaço para a anatomia. A partir da análise meticulosa de corações, cérebros, músculos, tecidos, ossos, etc., os anatomistas conseguiram formular as “regras” do corpo humano. Os órgãos e a matéria orgânica seriam as engrenagens que organizavam e operavam o corpo, entendido agora como um homem-máquina. Nessa configuração, o orgânico e o artificial relacionavam-se apenas do ponto de vista filosófico, ou seja, apesar da adoção de termos tecnológicos e mecanicistas para explicar a funcionalidade do mundo, máquinas e homens eram elementos distintos. A técnica era a mediação, a interlocução entre estes elementos, uma forma da humanidade explorar, sobreviver e produzir no mundo.

No século XX, o desenvolvimento da genética e os estudos sobre o DNA trouxeram novas discussões acerca da vida orgânica. Com o DNA foi possível descobrir que apesar da gama de seres vivos, todos eles são compostos pelas letras A, T, C e G. O que torna um ser vivo um tomate, uma iguana ou um ser humano é a organização destas quatro letras e como elas dialogam entre si. Conforme Siddhartha Mukherjee, podemos depreender os genes e a composição dos seres vivos como receitas culinárias.

Numa receita de bolo, não faz sentido pensar que o açúcar especifica o “topo” e a farinha especifica a “base”; não costuma haver uma correspondência biunívoca entre um componente individual de uma receita e uma estrutura. Uma receita dá instruções sobre o *processo*.

Um bolo é a consequência do processo no qual açúcar, manteiga e farinha se encontram uns com os outros na proporção, temperatura e tempo exatos. De maneira análoga, a fisiologia humana é a consequência do processo pelo qual certos genes cruzam suas ações com as de outros genes na sequência e no espaço certos. Um gene é uma linha em uma receita que especifica um organismo. O genoma humano é a receita que especifica um ser humano (2016, p. 236).

Se em uma receita podemos alternar os ingredientes e fazer diferentes tipos de bolos, não seria possível transformar as “receitas” da biologia molecular? Atualmente, cientistas dedicam-se ao registro de diferentes disposições do DNA encontradas nos seres vivos, registrando as diferentes receitas encontradas na natureza.

O surgimento da informática e o aperfeiçoamento tecnológico dos computadores foi fundamental neste processo, pois intensificaram as capacidades de registro e análise de diferentes sequências do DNA. Além disso, o surgimento de computadores cada vez mais potentes impôs novos limites à condição humana. De acordo com David Le Breton:

O vocabulário informático penetra as maneiras de explicar o homem e seu corpo; apagam-se as fronteiras entre a carne do homem e o poder da máquina, entre os processos mentais e técnicos. A informatização da linguagem acompanha a da sociedade. Uma maneira recente se expressar confunde computador e homem: este “compreende” as informações que lhe dão, “assimila” os dados. Agora que o computador tem uma “memória”, surge a pergunta se o cérebro humano é capaz de “estocar” tantas “informações” quanto ele. Ao mesmo tempo em que o vocabulário humaniza a máquina, por um movimento recíproco, o homem mecaniza-se: estamos “formatados” para um emprego ou para uma tarefa (2013, p. 154).

Na contemporaneidade o DNA é compreendido como um sistema de informações que podem ser lidas, registradas e manipuladas. Conforme intensificam-se as pesquisas e descobertas da engenharia genética, multiplicam-se as possibilidades de manipulação do DNA. Assim, a partir da leitura de nosso mapa genético é possível prevenir, controlar e combater determinadas doenças e condições biológicas.

A aliança entre a informática e a biologia é fruto de um negócio lucrativo onde empresas fornecem computadores cada vez mais potentes para a leitura e codificação de diferentes sequências de DNA. Com o registro do DNA, os cientistas compõem uma

ampla biblioteca de material orgânico, possibilitando que criem e modifiquem os genes dos seres vivos de acordo com suas necessidades.

A biologia molecular e a possibilidade de orquestrar o DNA de acordo com interesses individuais – sejam eles a prevenção de uma doença ou a escolha da cor dos olhos de nossos filhos – proporcionou uma nova relação com o corpo, agora proporcionou uma nova relação com o corpo, ou melhor, proporcionou novas formas de intervenção e ajuste do corpo à nossa vontade.

Nessa direção, o saber científico contemporâneo passou a ver o corpo humano como um empecilho do seu desenvolvimento, pois é um corpo que adocece, que se machuca e que morre. A biotecnociência possibilita intervenções nesses corpos, possibilitando que estes produzam mais. Sibilia apropria-se da lenda de Fausto¹⁰ para denominar o desenvolvimento biotecnológico como um projeto “fáustico”, ou seja, um movimento onde a ciência interfere em questões cada vez mais amplas e antes consideradas tabus, como a produção de seres humanos e a extensão da vida. A autora não considera a ambição uma característica nova, entretanto, a ideia de superar a morte e a busca pela imortalidade, tal qual a terapia genética e a manipulação de nossos genes evidenciam uma nova postura da comunidade científica.

A tecnociência contemporânea é um tipo de saber com forte inspiração fáustica, pois algumas de suas vertentes almejam ultrapassar todas as limitações biológicas ligadas à materialidade do corpo humano. Estas são entendidas como rudes obstáculos orgânicos que restringem as potencialidades e as ambições de cada indivíduo, bem como da espécie em seu conjunto. [...] A fim de romper essa barreira imposta pela temporalidade humana, que é finita por definição, o arsenal tecnocientífico é colocado a serviço da reconfiguração do que é vivo, em luta contra o envelhecimento e a morte (SIBILIA, 2015, p. 51)

Para Le Breton (2013) e Harari (2016) os especialistas genéticos declararam uma guerra ao corpo e, conseqüentemente, contra a morte. Equipados com computadores de última geração, estes cientistas buscam livrar os seres humanos de seus incômodos corpóreos. A substituição de nossas peças defeituosas – e até mesmo a imaterialização dos corpos, em vertentes mais radicais – é conseqüência de uma

¹⁰ Na lenda de origem alemã, Fausto era um intelectual insatisfeito com o conhecimento de sua época. Como forma de aumentar suas possibilidades e superar suas capacidades, Fausto forja um pacto com o demônio, superando assim seus limites. Sibilia adota o termo *fáustico* como forma de denominar uma postura científica pós-humana, que busca a superação de nossas capacidades biológicas.

postura científica fáustica que busca acelerar os processos evolutivos humanos, em uma corrida contra a natureza.

O corpo pós-humano também se insere em discussões que envolvem questões como a temporalidade e a espacialidade. Em tempos acelerados, globalizados e virtualizados, a utilização de artefatos tecnológicos amplia o espaço de circulação de ideias, notícias, produtos culturais e linguagens. Salas de bate-papo, redes sociais, *blogs* e *vlogs* permitem a seus usuários a criação e a manipulação de sua (ou suas) identidades, onde o espaço cibernético marca um rompimento com os limites, a utilização e até mesmo a necessidade de um corpo.

O espaço cibernético é um espaço envolve a relação com o mundo, dando ao indivíduo que a ele se entregue com paixão o sentimento de que a “vida de verdade” está ali, na ponta de seus dedos e que cabe a ele construir uma existência virtual para si conforme sua vontade, porque os limites da soberania pessoal que o corpo encarna com constância na vida comum foram aqui radicalmente suprimidos. Basta entrar na rede, e o espaço cibernético abre um mundo sem corpo, sem interioridade e puramente superficial (LE BRETON, 2013, p. 142 – 143).

Com o surgimento dos *smartphones* a virtualização dos corpos tornou-se ainda mais ampla, levando em consideração que hoje acessamos o ambiente virtual na palma de nossas mãos e o carregamos em nossos bolsos. Esta disponibilidade cada vez maior da internet e dos aplicativos permitem que o pós-humano esteja em diversos espaços ao mesmo tempo e acesse os conteúdos e plataformas de seu interesse, *quando e onde* desejar.

Nessa direção, entendo o pós-humano como um sujeito da contemporaneidade, inserido em um regime de verdade que o constitui em um prisma de relações interligadas, conectadas. Tomar o pós-humano como subjetividade implica em um exercício de (re)pensar a humanidade, suas relações e instituições – tendo em vista que estas estão em constante processo de transformação, como a escola.

2.1 Pós-humano e pesquisa em educação

Como vimos até aqui, o pós-humano é uma categoria conceitual que visa compreender a relação dos seres humanos com os artefatos biotecnológicos na contemporaneidade. Levando em consideração a amplitude de possibilidades de

análise deste conceito, neste subcapítulo, tenho como objetivo discorrer acerca desta nova subjetividade no tocante da pesquisa em Educação.

Na análise de Foucault (2004) sobre a sociedade disciplinar (denominação do autor para o período que os historiadores denominam como modernidade), a escola foi uma das instituições (como a fábrica e o hospital, por exemplo) atravessada pelos discursos de saber-poder que tinham como função disciplinar os indivíduos, ou seja, transformá-los em sujeitos aptos às rotinas de trabalho em uma sociedade em que o capitalismo ia se desenvolvendo. Segundo Alex Fabiano Correia Jardim:

A urgência de mecanismos de reeducação, sujeição e utilização da força de trabalho do homem eram gritantes e os dispositivos educacionais foram extremamente necessários para que se inventasse esse homem desejável. O corpo passa a ser visto como força produtiva, e todos os corpos devem ser bem preparados para assumirem a sua função no novo cenário que se apresenta; aqui mais uma vez o poder assume seu caráter transformador e positivo (2006, p.107).

Em suas pesquisas, Foucault propôs uma nova análise das relações de poder, compreendendo-as como microfísicas e positivas¹¹. Nessa configuração teórica, o poder é compreendido como uma relação que produz os sujeitos. Na sociedade disciplinar, era necessário que os sujeitos fossem produtivos, logo, a escola era um dos espaços de constituição deste ideal de subjetividade.

Foucault (2004) nos aponta também que a escola e as demais instituições de sequestro foram fundamentais para a consolidação do capitalismo como sistema econômico, bem como, para a constituição daquilo que o autor denomina como corpos dóceis ou corpos úteis. Um corpo dócil é um corpo já “domado” de seus impulsos e desejos, um corpo disciplinado. Um corpo útil é um corpo que, inserido nas relações de produção, realiza aquilo que se espera dele, ou seja, *produz*.

De acordo com o filósofo, o poder disciplinar opera pela privação da liberdade, tendo em vista que nesta relação de poder os sujeitos são consecutivamente relocados de acordo com suas capacidades de produção. A criança do século XVIII ia da escola direto para o chão de fábrica, enquanto o criminoso ia para a cadeia, o louco para o

¹¹ Vale frisar que o autor utiliza o termo positivo no sentido de produção, e não como um juízo de valor.

hospício, o doente para o hospital, etc. É necessário colocar cada indivíduo em sua instituição para que a produção de sujeitos tenha êxito. De acordo com Sibilia:

Graças a esse minucioso e persistente labor mancomunado de confinamentos sucessivos, foram-se gerando subjetividades afinadas com os propósitos da época: certos modos de ser e estar no mundo que se tornaram hegemônicos na era moderna por serem dotados de determinadas habilidades e aptidões, embora também estivessem lamentavelmente marcados por certas incapacidades e carências (2012, p. 43)

A eficiência das instituições disciplinares proporcionou a produção de sujeitos dotados das aptidões que garantiam sua funcionalidade na sociedade capitalista industrial. Entretanto, a emergência da contemporaneidade marca importantes deslocamentos na concepção do sujeito ideal e no papel da escola. Para Sibilia, há uma transformação na forma como os sujeitos capturados nas instituições são atravessados pelo poder disciplinar. Nas palavras da autora:

[...] cabe supor que estão emergindo novos modos de subjetivação, distintos daqueles que produziram os corpos dóceis e úteis dos sujeitos disciplinados descritos por Foucault, ou mesmo daqueles que lutaram fervorosamente contra essas tentativas de disciplinamento. O capitalismo contemporâneo se ergue sobre uma imensa capacidade de processamento digital e metaboliza as forças vitais com voracidade e inaudita, lançando e relançando constantemente no mercado novos produtos, serviços e subjetividades (2015, p. 34).

A emergência da subjetividade pós-humana e de novos espaços de circulação, governo e produção de sujeitos (graças ao desenvolvimento biotecnológico) enfraquecem as instituições disciplinares como a escola, visto que a tecnologia e a circulação dos sujeitos em ambientes virtuais permitem que estes escapem dos regimes de disciplina modernos com mais facilidade. A necessidade de solicitar que os alunos mantenham seus celulares no modo silencioso ou desligado, bem como a proibição de sua utilização são um reflexo importante das formas como lidamos (e punimos) a presença da tecnologia em sala de aula, uma forma, muitas vezes, de manter a escola em sua modernidade e reforçar suas paredes.

Trago como exemplo para ilustrar esse fenômeno um caso ocorrido na França. Em julho de 2018¹², o parlamento francês aprovou a proibição de telefones celulares,

¹² Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2018/07/31/parlamento-frances-aprova-proibicao-dos-celulares-em-escolas-na-franca.ghtml>>. Acesso em: 04 ago. 2018.

tablets, relógios e demais artefatos tecnológicos com conexão à internet nas escolas. A medida, considerada uma forma de “desintoxicar” os alunos, foi recebida de forma heterogênea pela população francesa, que em parte considera a proibição inútil e uma exibição política, enquanto os favoráveis dela a consideram um exemplo para os outros países. Não cabe aqui fazer uma avaliação da lei, mas pensar como os artefatos tecnológicos inserem-se em um campo de disputas políticas.

Se antes as paredes serviam como forma de isolar os alunos do mundo enquanto estes eram disciplinados, hoje os celulares e demais artefatos tecnológicos possibilitam que os alunos as atravessem. A parede e a divisão celular (cada aluno em sua classe, cada turma em sua sala) são métodos utilizados para a sociedade disciplinar organizar os corpos em determinados espaços, podendo controlá-los de forma eficaz e organizada. Os artefatos tecnológicos, em contrapartida, permitem que a “fuga” dos alunos e se encontram em seus bolsos.

Na seção anterior, vimos que os artefatos tecnológicos digitais e a internet possibilitam ao pós-humano conceber uma nova relação com seu corpo, tanto no que tange a questão dos seus limites biológicos quanto no que se refere ao espaço no qual está inserido. O poder disciplinar, em contrapartida, necessita de um constante controle e (re)organização dos corpos, inserindo-os em instituições diversas. É possível “prender” sujeitos conectados? Como organizar alunos em atividades quando eles vão para a escola carregando objetos capazes de transportá-los para os mais diferentes espaços? Seria o papel da Educação disciplinar e fixar os corpos? Questionamentos que resultam do choque entre uma instituição que tenta manter suas raízes modernas e subjetividades pós-humanas.

Isso não significa o fim das instituições de disciplinamento ou que o poder disciplinar deixou de surtir efeito, mas que há uma nova configuração nas relações de poder. As paredes da escola agora ganham câmeras de vigilância, as cercas vazadas dão lugar aos muros. No Brasil, além das câmeras, a implantação de *chips* em uniformes escolares (que comunicam aos responsáveis dos alunos quando este entrou

ou saiu da escola) é uma medida estudada por alguns municípios, como São Paulo¹³. O uniforme, que antes servia como forma de homogeneizar estudantes, transforma-se em um possível dispositivo de controle.

Vale frisar também que a resistência ao poder não é um fenômeno novo. Conforme Foucault (2013), onde há poder há resistência, e a emergência de novas tecnologias proporcionam que os sujeitos resistam de formas diferentes. Escutar músicas enquanto realiza uma atividade, conversar com os colegas no *WhatsApp*, assistir vídeos em modo silencioso, jogar *Fortnite* ou conferir se seu *Pou* não ficou doente durante a aula são algumas formas pós-humanas de resistência.

Apesar da escola ser o principal elemento que pensamos quando nos referimos a ideia de educação, é preciso compreender os processos educativos de forma mais ampla, levando em consideração que os sujeitos são produções de discursos que os constituem em uma pluralidade de espaços, sendo a escola apenas um deles. De acordo com Betina Hillesheim (2015), a educação em tempos líquidos não tem uma forma que se solidifica em uma instituição. Segundo a autora:

Ao martelar essa conexão tão firme entre Educação e escola, podemos abandonar a pergunta “o que é a educação”, ampliando o olhar. Uma educação que não está em algum lugar, que não é alguma coisa, mas que se multiplica na conjunção “e”: na sala de aula e na mídia e na família e no trabalho e nas políticas públicas e... Uma educação que está em todo lugar e da qual nos nutrimos permanentemente (2015, p. 4).

Na sociedade neoliberal, onde os sujeitos se constituem a partir do ímpeto da formação constante, ou seja, da necessidade do aperfeiçoamento permanente, o processo de aprendizagem não se encerra (nem se inicia) na escola. Ao transgredir com o espaço e a virtualidade, o pós-humano atravessa as paredes da escola em busca de novas conexões.

¹³ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/10/1924420-camara-de-sp-aprova-instalacao-de-chip-em-uniforme-de-escola-municipal.shtml>>. Acesso em 19 ago. 2018

3

O ESPELHO DE *BLACK MIRROR*

3.1 O *streaming* e as novas formas de consumo cultural

Vimos anteriormente que o debate em torno da essência humana e os impactos do surgimento de novas tecnologias intensificaram-se a partir de dois movimentos: de um lado, a discussão científica retomada a partir do ciborgue de Donna Haraway proporcionou o surgimento de uma pluralidade de nomenclaturas que buscam, até os dias de hoje, tensionar o que entendemos por natureza humana frente as nossas relações com os artefatos digitais; do outro, os ciborgues, androides e robôs tornaram-se protagonistas de diversas sagas nas décadas de 1980 e 1990, estrelando produções cinematográficas, obras literárias e séries de televisão ao lado do movimento *cyberpunk*.

A quantidade de produtos culturais implicados neste debate, ou que apenas utilizaram-se destes elementos para a composição de diferentes mundos é bastante expressiva, portanto, antes de iniciar o processo de decupagem do material que selecionei como *corpus* de análise para esta pesquisa, considero importante dizer que, apesar de reconhecer a importância do cinema e da literatura na construção do imaginário pós-humano, a seleção de *Black Mirror* como objeto de pesquisa deve-se a minha busca por um artefato cultural contemporâneo, disponibilizado em dispositivos móveis graças ao desenvolvimento da internet.

Penso que uma pesquisa que aborde a problemática do pós-humano precisa explorar também as novas formas com as quais a cultura é consumida, logo, minha escolha de trabalhar com uma série atual e oferecida por *streaming*¹⁴ condiz com a forma que a flexibilização da internet¹⁵ e a banalização de aparelhos digitais móveis

¹⁴ *Streaming*, ou transmissão contínua, é uma forma de distribuir conteúdos pela internet sem a necessidade da transferência de dados (o *download* de arquivos).

¹⁵ Por flexibilização refiro-me à diversidade de planos de internet por assinatura, planos de dados móveis e a oferta de internet grátis em locais públicos como praças e estabelecimentos comerciais. Com valores variados, a internet deixou de ser consumida apenas pela elite e tornou-se parte da vida da sociedade como um todo. Segundo o IBGE, 116 milhões de brasileiros estão conectados. Disponível em: <

como *smartphones*, *notebooks* e *tablets* proporcionaram uma conexão permanente de seus usuários e uma transformação na forma como as pessoas acessam os produtos culturais.

Atualmente podemos encontrar diversos planos de assinaturas online, que oferecem desde alimentos (vinhos, cervejas, caixas com doces sortidos vindos de diversas partes do mundo, produtos sem glúten, sem lactose, entre outros), itens de beleza, artigos esportivos, roupas e acessórios, até serviços de *streaming* como o iTunes e o *Spotify* (para músicas¹⁶), a *Amazon Prime Video* e a *Netflix* (para séries, filmes e documentários). Os serviços de *streaming* ganham cada vez mais adeptos e conduzem o surgimento de novas ofertas de distribuição cultural. A plataforma de vídeos YouTube, lançada de forma gratuita em 2005, lançou em 2018 o serviço YouTube Premium, onde usuários podem escutar músicas de forma offline e sem anúncios publicitários. Empresas como a Apple e a Disney já organizam seus serviços de *streaming*, com previsão de lançamento para 2019.

Dentre os serviços citados, realço a Netflix, provedora na qual encontram-se disponibilizados os episódios da série *Black Mirror*. Apesar da empresa existir desde 1997, possibilitando o aluguel de DVDs pela internet, o número de assinaturas¹⁷ a nível global teve um aumento significativo a partir da década de 2010. Segundo Lanre Bakare, editor de TV que escreve para o jornal britânico *The Guardian*, o serviço “transformou a forma como consumimos televisão¹⁸”. Bakare faz um histórico das estratégias da empresa e de como construiu um império não apenas do ponto de vista empresarial – competindo com canais como a HBO e a AMC pela produção de séries que acabaram tornando-se sucessos comerciais e críticos – mas também do ponto de vista cultural.

<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/brasil-tem-116-milhoes-de-pessoas-conectadas-a-internet-diz-ibge.ghtml>. Acesso em 13 de novembro de 2018.

¹⁶ A título de ilustração, um estudo da Federação Internacional da Indústria Fonográfica aponta que 86% dos consumidores de música utilizam algum serviço de *streaming*. Disponível em: <https://www.ifpi.org/news/IFPI-releases-2018-music-consumer-insight-report>. Acesso em 13 de novembro de 2018.

¹⁷ Vale destacar também que o número de usuários da Netflix é muito maior que o número de assinantes pois muitas pessoas compartilham suas contas com parentes e amigos.

¹⁸ Tradução minha. Disponível em: <https://www.theguardian.com/media/2018/jul/21/netflix-gamble-original-content-changed-way-consume-television-forever>. Acesso em 13 de novembro de 2018.

A Netflix encaixou-se no dicionário cultural mundial; “Netflix and chill” tornou-se parte da linguagem da mesma forma que “Google” transformou-se de um substantivo em um verbo. Repentinamente, a Netflix tornou-se parte da vida online moderna da mesma forma que o eBay, a Apple e vídeos de gatinhos no YouTube¹⁹.

No Brasil, este encaixe levantado por Bakare também foi bem-sucedido. Além de “Netflix and chill²⁰”, podemos citar as expressões “Isso é muito *Black Mirror*”, comparações de acontecimentos da política nacional com as tramas da série *House of Cards* e versões alternativas da abertura de *Stranger Things*. O surgimento de memes e textos utilizando-se das séries para propagar mensagens torna evidente que o consumo destas está cada vez mais popular em nosso país.

Em sua tese de doutorado sobre o cinema e a cultura surda, defendida em 2002, Adriana da Silva Thoma faz um breve histórico da sétima arte e de como a distribuição de filmes transformou-se historicamente conforme novos aparelhos de reprodução e estratégias de marketing foram se consolidando. A autora já apontava que a democratização do cinema estava em curso graças ao crescimento da banda-larga e do surgimento dos aparelhos móveis:

Em pouco tempo, prevê-se que os filmes poderão ser assistidos em um ônibus, em um carro ou no trem, ou poderemos ver o filme na tela de um computador. Talvez até em um relógio de pulso. Aparelhos sem fio nos permitirão sentar em qualquer lugar e assistir a um filme ou jogar um videogame (2002, p. 93).

Passados 15 anos desde a publicação do trabalho de Thoma, avalio que essa transformação na oferta e no consumo de artefatos culturais é bastante significativa e não deve ser ignorada dentro das pesquisas em educação, tendo em vista que o contexto no qual tais artefatos são produzidos e a forma como estes circulam também condizem com a maneira que eles atravessam o imaginário coletivo.

É importante salientar também que, apesar de *Black Mirror* ser uma série composta por episódios diversos, utilizei como referência para a decupagem do episódio trabalhos que envolvem a análise de filmes, levando em consideração que tanto o cinema quanto as séries constituem mídias audiovisuais.

¹⁹ Ibid.

²⁰ A expressão quer dizer “Netflix e descansar”, entretanto, é usada mundialmente na língua inglesa.

Nessa configuração teórica, o cinema surge como objeto de estudo junto de outros artefatos culturais em um contexto epistemológico que passa a vê-lo não como uma reprodução objetiva da realidade, mas como integrante de jogos de significados que produzem realidades. Conforme Thoma:

quando falamos sobre o cinema na vida cotidiana atual, podemos falar que este – assim como os demais artefatos culturais – desempenha um significativo papel na construção de imagens, ideias, representações, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, interpelando sujeitos e funcionando como um dispositivo pedagógico que molda identidades (2002), p. 96).

De acordo com Simone Maria Rocha (2011) isso ocorre porque o sujeito é constituído numa história textual e social, ou seja, é resultado de experiências reais e textuais que influenciam a forma como ele constrói e dá sentido aos acontecimentos que o cercam. “O leitor produz sentidos que derivam da intersecção de sua história social com as forças sociais estruturadas dentro do texto. O momento de leitura é quando o discurso do leitor encontra o discurso do texto (p. 12). Ao trabalhar com uma série como *Black Mirror* torna-se necessário compreender quais os sentidos e efeitos que o público cria a partir de seus episódios.

Além da tese de Thoma e do artigo de Rocha, encontrei nos textos de Elí Teresinha Henn Fabris (2005; 2008) uma importante referência para explicar a relação entre cinema e educação. Nas palavras da autora:

Os estudos dos diferentes artefatos culturais têm proporcionado um outro olhar para a educação, vista agora como muito menos restrita ao espaço escolar e muito mais aberta a conexões com outros lugares sociais. Trata-se de um olhar que descentra o sujeito e o vê inscrito em práticas culturais enredadas em relações de poder (2008, p. 121).

Nessa direção, considero que, assim como o cinema e outros produtos culturais, as séries exercem uma função pedagógica pois integram jogos de significados que produzem (e são produzidos por) narrativas, constituindo sujeitos, visões de mundo e modos de vida.

3.2 *Nosedive*: mergulhando em *Black Mirror*

Black Mirror é uma série de ficção científica criada por Charlie Brooker e Annabel Jones em 2011, período na qual era exibida pelo canal britânico *Channel 4*. Atualmente, integra o catálogo da Netflix, que comprou seus direitos autorais e produziu novas temporadas devido a sua popularidade e críticas favoráveis. No momento, *Black Mirror* conta com quatro temporadas, totalizando 20 episódios.

A série é composta por episódios *stand alone*, ou seja, cada episódio consiste de um universo a parte, onde diferentes temáticas são exploradas, possibilitando que o telespectador a assista na ordem de sua preferência. Enquanto alguns episódios da série exploram questões de (in)segurança, outros envolvem questões como política, entretenimento e relações sociais.

Em português, *Black Mirror* significa espelho (*mirror*) preto (*black*). Na física, o espelho caracteriza-se como uma superfície que reflete aquilo que se encontra a sua frente conforme a luz que nela incide. Entretanto, do ponto de vista literário, o espelho é um símbolo relacionado a questões de autoconhecimento, autorreflexão e autoanálise. É através do espelho que avaliamos a forma como somos vistos e transformamos nossa imagem.

Nessa direção, compreendo *Black Mirror* como um espelho, ou seja, uma forma dos telespectadores encontrarem-se dentro das discussões expostas pela série. É pelo espelho criado na série que podemos perceber aspectos de nossas relações sociais e com a biotecnologia. Os personagens que transitam em seus universos são sujeitos ciborguianos, tendo em vista a forma como utilizam da tecnologia condiciona suas realidades.

Em uma entrevista²¹ ao canal britânico *Channel 4*, Charlie Brooker respondeu algumas perguntas sobre sua inspiração, seu objetivo e o porquê do título *Black Mirror*. A escolha das palavras *black* e *mirror* teve como inspiração a forma como as telas de aparelhos eletrônicos ficam quando são desligadas, refletindo o rosto do usuário que a

²¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=U2YPxSDIoPE>>

utiliza, tornando-se assim um espelho preto, ou seja, um *black mirror*. Encerrar cada episódio da série com uma tela escura é uma forma encontrada pelo seu criador de colocar o telespectador em evidência. Desta forma, a partir do contato com a tela fria e escura, o telespectador é inserido no episódio por ele assistido.

Em minha pesquisa acerca da série e suas intenções, foi possível encontrar sites e vídeos questionando a “coerência tecnológica” ou o quão próximo nossos *gadgets*²² encontram-se com os da série. Cabe destacar que a problemática central da série não se refere ao futuro, e sim ao presente. Desta forma, apesar de *Black Mirror* trabalhar com distopias de um futuro próximo, os interesses da série consistem no agora. Não se trata de dizer que existe uma forma correta de assistir ao programa (afinal os artefatos culturais produzem significados diversos), muito menos de vilanizar as tecnologias ou fazer uma apologia ao seu desligamento, mas sim de colocar em pauta as formas como as utilizamos e algumas consequências possíveis desta utilização.

Na mesma entrevista, Brooker confessa que seu objetivo ao criar *Black Mirror* foi o de deixar as pessoas desconfortáveis. Essa intenção é perceptível até mesmo na abertura da série, que consiste de um espelho quebrado. Apesar do programa utilizar-se da ficção científica e de uma fotografia futurista, os elementos explorados pelos roteiristas envolvem questões morais e éticas, ou seja, a ideia central de *Black Mirror* consiste em problematizar as transformações sociais que marcam o presente.

As discussões propostas pelos episódios de *Black Mirror* possibilitaram a criação de seminários, disciplinas e encontros para o debate de suas temáticas dentro e fora da academia, envolvendo áreas como o Direito, a Psicologia e a Comunicação. Dentre eles, destaco o livro *Isso (não) é muito Black Mirror*, no qual o autor André Lemos defende a ideia de que, apesar da roupagem futurista, a série preocupa-se com questões já superadas do ponto de vista tecnológico e utiliza-se de problemáticas que vem sendo discutidas desde o século XX.

²² *Gadget* é a denominação utilizada para referir-se aos dispositivos eletrônicos portáteis, como celulares, aparelhos MP3, etc.

Concordo em partes com Lemos, pois, apesar de reconhecer que os temas centrais como a vigilância, o monitoramento e o controle social já foram problematizados por filósofos como Foucault, episódios como *Nosedive* tensionam questões que ainda não se esgotaram na pesquisa em Educação, sobretudo o que diz respeito aos processos de constituição dos sujeitos. No neoliberalismo contemporâneo, as redes sociais deram fôlego à competitividade e a condução da vida como uma empresa. Assim, acredito que mesmo que determinadas questões (referentes sobretudo aos dispositivos tecnológicos apresentados na série) estejam superadas, as mesmas ainda precisam ser problematizadas no que se refere aos processos de constituição dos sujeitos.

Para além das questões referentes à importância do cinema enquanto artefato cultural e de sua validade na pesquisa em educação, os trabalhos de Thoma (2002) e Henn (2005, 2008) serviram como inspiração para o processo de análise, ou decupagem, de *Black Mirror*. As autoras definem decupagem como o processo de “desmanche” do filme, ou seja, o processo de recorte que visa a organização e a reorganização do roteiro, das cenas, da fotografia, das cores que compõe a imagem e dos demais processos de edição do material audiovisual.

Assim, após um processo de mergulho dentro dos espelhos de *Black Mirror*, decidi lançar minha análise a partir do episódio *Nosedive*, o primeiro episódio da terceira temporada da série, escrito por Rashida Jones e Michael Schur. Minha escolha justifica-se, pois, considero o episódio que levanta questões mais condizentes com objetivo de minha pesquisa.

A decupagem do material foi um processo lento, no qual assisti e reassisti ao episódio, pausei e voltei cenas, em um caminhar de ir e vir, em busca dos sentidos e significados que compõe os seus significados. Compus tabelas (ver anexos), fichas, anotei falas, fotografei cenas. Tentei observar as diferentes reações dos personagens, suas roupas, feições e as relações na qual estão inseridos.

Além do movimento *play* → *pause* → *rewind*, construir uma narrativa do episódio foi um desafio. Em uma pesquisa rápida, pude encontrar diversos trabalhos que

analisam filmes, mas compõe sua narrativa de formas diferentes. Enquanto alguns trabalhos apontam para o número da cena, o tipo de plano, incluem diálogos e uma descrição das roupas, cores e sons que a compõe, outros tem uma escrita muito mais sintética, menos descritiva e que parte do filme para disparar as questões de interesse de sua autora ou autor. Tendo em vista as questões que me interessam, minha análise do episódio foi seletiva das problemáticas que eu considero mais importantes para esta pesquisa. Não pretendi esgotar o objeto ou dar conta de sua totalidade e reconheço que existem outras leituras possíveis deste artefato.

Decidi iniciar minha análise pelo título do episódio, pois desconhecia a palavra que o nomeava. O termo *nosedive* (*nose*→nariz e *dive*→mergulho)²³ é uma expressão da língua inglesa que significa uma queda rápida, normalmente utilizada para se referir a uma queda de valor, tanto do ponto de vista monetário quanto da reputação de uma pessoa ou instituição. Nessa direção, no episódio *Nosedive* acompanhamos o processo de queda livre de Lacie Pound (Bryce Dallas Howard).

A metáfora da queda sintetiza a ideia central do episódio, pois só é possível cairmos quando estamos um nível acima do solo, de algo ou, neste caso, de alguém. Em *Nosedive* somos introduzidos a uma sociedade completamente hierarquizada a partir de um aplicativo²⁴ no qual todas as interações pessoais são classificadas em um sistema que vai até cinco estrelas. Cada pessoa possui uma média, e este número é o que determina os espaços, serviços e o tratamento que cada um pode usufruir. Quanto maior a média individual, maiores os benefícios e vantagens disponíveis.

Lacie Pound é obcecada pela sua média e busca agradar a todos para melhorá-la. A protagonista treina sorrisos, olhares e risadas para encontrar a “melhor” reação em suas interações, visto que está em avaliação constante (Figura 1). Não basta apenas

²³ Na versão brasileira da série o episódio chama-se *Queda Livre*.

²⁴ O aplicativo da série não tem um nome, mas tem um *layout* e funções semelhantes às do *Facebook* e do *Instagram* (onde é possível “curtir” as fotos e postagens de outros usuários).



Figura 1: Lacie pratica suas expressões faciais.

controlar o conteúdo disponível em seu perfil na rede social, é preciso manter o controle em todas situações, sejam dentro ou fora do *app*. O riso, o tom de voz e o choro deixam de ser reações naturais e passam a ser ações controladas que podem levar a uma avaliação positiva ou negativa.

A preocupação da personagem com sua nota é tamanha que ela acessa rapidamente o perfil das pessoas antes de iniciar um diálogo, visando assuntos que as agradem, e fica visivelmente ansiosa após classificar alguém com cinco estrelas, esperando receber a mesma quantidade de estrelas em troca. Qualquer diálogo, serviço ou encontro é um motivo para ela compartilhar avaliações altas, em um sinal que ela interpreta como educação.

Como outros personagens da série, Lacie veste roupas em tons pastéis, usa seu cabelo preso e tenta não destoar dos tecidos leves e saias rodadas utilizadas pelas outras mulheres. Com maquiagem leve e um comportamento exageradamente controlado, Pound tem dificuldades de conseguir ultrapassar sua marca de 4,2. Apesar de sólida, uma nota como esta a faz uma pessoa medíocre. Em uma sociedade de avaliação constante, é necessário buscar novas formas de melhorar sua imagem. Para isso, ela busca inspiração nos perfis dos *prime users*²⁵ e tenta emular o conteúdo publicado por eles, como as refeições que eles fazem (Figura 2).

Lacie vive com seu irmão Ryan (James Norton), e o término de seu contrato de aluguel parece ser a solução para sua relação conturbada. Ryan preocupa-se com o comportamento da irmã, pois não considera que ela irá ser feliz se perder sua autenticidade. Na residência onde vivem, a predominância da cor branca nas paredes e móveis de uso comum (sofá, eletrodomésticos) é quebrada pelas cores azul (a prancha de surf, o café da manhã que ele deixou no balcão) e rosa (o jogo de xícaras, almofadas e a manta no sofá). Não tenho como objetivo analisar as questões de

²⁵ Em *Nosedive*, os usuários bem avaliados são chamados de *prime users* e recebem uma série de privilégios como descontos em serviços.

gênero neste trabalho, entretanto, penso que esta escolha visual merece ser destacada pois os irmãos são elementos narrativos que se contrapõe durante o episódio. Enquanto ela sofre para



Figura 2: o registro de alimentos e lugares frequentados é uma forma encontrada pelos personagens de mostrarem aquilo que consomem.

umentar sua nota e ter uma vida bem avaliada, ele aparece com roupas soltas, despenteado e não aparenta se incomodar em ser um *loser* avaliado em 3,7 estrelas.

Em busca de um novo local para morar, Lacie encontra em um condomínio exclusivo o lugar para construir uma vida feliz. Apesar do preço alto, a corretora de imóveis a oferece um desconto de 20% caso consiga aumentar sua média para 4,5.

Excitada com a oportunidade, Pound contrata uma empresa para auxiliá-la em seu crescimento. Baseando-se em gráficos de crescimento e no seu círculo social, o *coach* garante-a que conseguiria esse aumento em cerca de 18 meses. Entretanto, para conseguir ser bem avaliada mais rápido, era necessário que ela impressionasse pessoas com notas maiores, os *prime users*.

No dia seguinte, Lacie dá início a sua empreitada. Muda seu cabelo, aparece com roupas novas, tenta persuadir uma conhecida relevante com um *croissant*. Nada dá certo. Segundo o *coach*, *prime users* sentem o cheiro do desespero e não gostam de apelações desse tipo. Pound estava novamente estagnada.

Em casa, enquanto cozinhava uma receita que viu no perfil de outro usuário para postar fotos em sua rede social, Lacie recebe uma ligação de Naomi (Alice Eve), uma amiga de infância que agora é uma *prime user* (e um dos perfis que Pound visita para inspirar-se). Em uma vídeo-chamada repleta de gritos, apelidos e reações falsas, Naomi a convida para ser sua madrinha de casamento. O casamento é uma grande oportunidade para as duas: enquanto a noiva buscava alguma amiga de infância para comover seus convidados e ter um casamento bem avaliado, Lacie vê na cerimônia sua grande chance de impressionar um grande número de *prime users*, aumentar seu círculo de influência e conseguir o desconto de sua casa dos sonhos.

Após a aprovação de seu *coach* e confirmar o depósito de pagamento de uma das parcelas do imóvel, Lacie briga novamente com Ryan. O irmão tenta abrir seus olhos, apontando a forma cruel como Naomi a tratou durante a infância e que ela não

seria feliz em um condomínio relacionando-se apenas com pessoas artificiais. Em meio a ofensas, os irmãos empunham os celulares e trocam avaliações baixas. A queda livre de Lacie começa.

No aeroporto temos uma das cenas mais marcantes do episódio: ao perder seu voo e não conseguir reservar uma vaga em outro devido à queda de sua média, Lacie tem uma reação que nos é bastante comum, mas que em *Nosedive* trata-se de perder o controle: ela grita. Não apenas grita, fala palavrões. Horrorizadas, as pessoas que observam a cena apontam seus celulares como um sinal de reprovação, opondo-se ao seu comportamento e diminuindo sua avaliação. O segurança, chamado para conter a situação, utiliza-se de sua autoridade e retira um ponto completo de Pound (que agora era uma usuária de nota 3,1!) e a coloca em uma sentença chamada *double damage*: toda avaliação negativa teria o dobro de impacto (Figura 3).

Conforme a nota de Lacie vai diminuindo, diminuem também a qualidade dos serviços que ela tem acesso. Em busca de um carro para alugar, sua classificação a permite apenas a locação de um modelo ultrapassado que acaba a impossibilitando de seguir viagem, pois não pode ter a bateria carregada sem um adaptador. Na estrada, as pessoas temem lhe oferecer carona. Mesmo sua aparência inofensiva e dentro dos padrões é colocada sob suspeita por sua nota 2,8.

Na estrada, Pound é parada por Susan (Cherry Jones), uma caminhoneira avaliada em 1,4. Da mesma forma que as pessoas a temiam, Lacie teme a nota baixa da motorista e procura em sua rede social alguma foto ou postagem que sinalize um sinal de ameaça. Sem outra opção, acaba aceitando a carona. A viagem é bastante reveladora das questões tensionadas pelo episódio, visto que Susan, assim como Ryan, funciona como um contraponto ao comportamento de Lacie. A motorista confessa que quando era jovem já foi uma cidadã 4,6, entretanto, com a morte de seu marido (um homem 4,3 que não teve acesso ao tratamento de seu câncer e perdeu seu leito para um homem com 4,4), parou de se importar com as aparências e decidiu ser sincera em suas interações, afinal, avaliar médicos e enfermeiras com cinco estrelas não impediu que seu marido morresse. As pessoas com as quais Susan convivia não aprovaram essa atitude, pois ela tornou-se uma pessoa sem nada a perder e trocou

sua avaliação positiva por sua autenticidade. Lacie finalmente tem uma conversa real com alguém, e confessa que precisa participar do jogo dos números, pois deseja se sentir segura e conquistar uma vida confortável. É a forma que o mundo funciona, confessa.



Figura 3: o comportamento de Lacie faz com que a personagem perca ainda mais pontos e entre em *double damage*.

Lacie recebe uma nova ligação de Naomi, que retira seu convite. Ela precisava impressionar seus convidados e manter sua avaliação positiva e sua amiga de infância, agora uma *loser*, poderia ameaçar isso. Naomi está visivelmente alterada, afinal, perder sua credibilidade era pior do que perder a “amizade” entre as duas.

Após uma série de medidas desesperadas para chegar a seu destino, Lacie finalmente invade o casamento. Os desencontros e as desventuras a deixaram completamente suja, rasgaram suas roupas e a despentearam. Como um último gesto desesperado, Pound inicia um discurso revelador onde aponta o quão tóxica sua amizade com Naomi era, o quanto ela incentivava sua bulimia adolescente e como transou com um de seus ex-namorados. O discurso recebe vaias silenciosas, pois a reprovação acontece apenas no aplicativo (Figura 4).

Carregada por seguranças, testemunhamos seu surto final. Sua queda finalmente chegou ao fim. Presa, ela não tinha mais seu celular, não tinha mais as lentes interativas, não era uma avaliação, era apenas Lacie. A personagem sorri, mas dessa vez era um sorriso natural, diferente dos sorrisos expressados até então, livre da pressão de controlar seus sentimentos, moderar suas expressões, suas palavras. O episódio termina com uma troca de ofensas, na qual ela troca gritos com outro presidiário, em um êxtase de pessoas que após um longo período mascarando seus sentimentos podem ser, dizer e sentir aquilo que realmente são e aquilo que pensam. “*Fuck you!*”, grita Lacie. Findando o episódio, temos a tela escura, o espelho preto que dá nome a série.

Enquanto narrativa, *Nosedive* é uma sátira do presente, que se utiliza do exagero de situações para criar diferentes sensações no espectador. Apesar de brincar com uma ideia do futuro, as questões centrais do episódio já fazem parte do nosso cotidiano e é exatamente por serem questões de nosso tempo que o episódio obtém tanto êxito em nos causar desconforto. A série utiliza-se de diversos elementos audiovisuais para causar diferentes sensações no espectador, como a empatia por Lacie e seus esforços em busca de uma vida segura e confortável ou o choque conforme o ela perde o controle.

As cores também são bastante significativas na composição do episódio. Em um primeiro momento, os tons pastéis e neutros que compõe a fotografia parecem cores tranquilas, mas conforme as situações se desenvolvem podemos perceber que estas

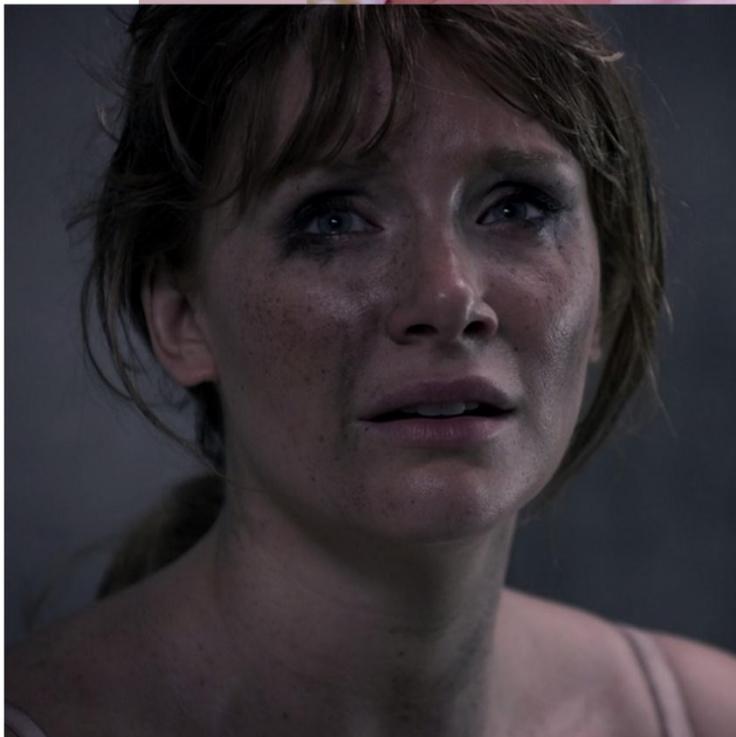


Figura 4: Em uma sociedade de aparências, o desequilíbrio de Lacie a torna uma cidadã indesejada.

ores escondem a ansiedade, o constrangimento e o desespero da protagonista. Apesar do cromatismo harmonioso e da padronização, Lacie está em sofrimento constante. Mesmo nas cenas onde interage sorrindo (como as cenas no elevador), podemos observar a tensão e a dificuldade que ela encontra em agradar uma pessoa superior (em termos de avaliação) a ela.

É importante notar também que, na medida em que a personagem vai perdendo o controle, suas roupas vão ficando mais rasgadas, revelando seu corpo, seu cabelo fica despenteado e sua pele fica mais suja. O paralelo entre limpeza → controle e sujeira → descontrole não é novo, mas é um elemento visual que ajuda a compor a narrativa do episódio.

Além da protagonista Lacie, o episódio conta com mais três personagens principais: Naomi, Ryan e Susan. Cada personagem representa um arquétipo diferente e constitui uma relação diferente com a tecnologia, proporcionando que o espectador perceba diferentes modos de ser possíveis no universo. Enquanto Naomi é uma *prime user* bem-sucedida que busca em seu casamento uma forma de ficar ainda melhor avaliada, Ryan e Susan são os *losers*, os *outsiders* que não ligam para o jogo numérico e traçam narrativas de si livres das pressões sofridas por Lacie. Isso não significa que eles não consumam ou participem da rede social (Ryan fica constantemente jogando com seus amigos e Susan possui fotos das coisas que bebe em seu perfil no *app*), mas que os sentidos que o aplicativo possui para cada um e a forma como o sistema quantitativo afeta sua autoestima e suas interações é diferente.

É esta relação entre os sujeitos e a tecnologia, representada no episódio pelo aplicativo, que considero central no episódio e motivaram sua escolha. Em uma sociedade neoliberal, onde o discurso do investimento em si perpassa não apenas o mundo do trabalho, mas a escola e demais instituições, penso que as redes sociais e os aplicativos são espaços privilegiados da construção de narrativas individuais e da busca pelo sucesso de cada um.

4

GOVERNAMENTALIDADE NEOLIBERAL, TEORIA DO CAPITAL HUMANO E HOMO ECONOMICUS: ESPELHOS DA CONTEMPORANEIDADE

Vimos anteriormente que os artefatos culturais produzem (e são produzidos em) uma rede de significados que condizem com o contexto de espaço-tempo no qual estão inseridos, e que este conjunto simbólico atravessa os indivíduos em seus processos de subjetivação. Neste capítulo, busquei um aprofundamento daquilo que entendo por governamentalidade neoliberal e por sociedade de controle, tendo em vista a centralidade destas perspectivas em meu trabalho.

Para dar conta desta tarefa, realizei dois processos: o primeiro, consistiu da pesquisa e leitura de autores que, partindo dos estudos *foucaultianos*, tensionam o neoliberalismo como uma governamentalidade, um *ethos* responsável pela produção dos sujeitos. Destaco, além do próprio Michel Foucault, autores como Alfredo Veiga-Neto, Maura Corcini Lopes, André Duarte, Sylvio de Sousa Gadelha Costa e Jason Read. Com a finalidade de melhor compreender o caminho trilhado pelos professores da Escola de Chicago e o desenvolvimento da Teoria do Capital Humano, entrei em contato com as ideias de Theodore Schultz.

No segundo processo utilizei o episódio *Nosedive* como um disparador de questões relacionadas a produção dos sujeitos frente ao desenvolvimento biotecnológico e as demandas neoliberais da contemporaneidade. Como Lacie, Ryan, Naomi e Susan percebem o aplicativo? Como cada personagem investe (ou deixa de investir) na construção de sua imagem? Em que situações eles são avaliados positivamente? Em quais têm sua pontuação reduzida? Quais as opções de resistência, os movimentos de fuga desse sistema?

Destaco também que este movimento não se trata de separar “teoria” e “objeto”, mas sim de um processo necessário para a seleção dos conceitos utilizados para melhor compreender *Nosedive* como uma leitura da contemporaneidade. Desta forma, a articulação entre o artefato cultural e as ferramentas previamente citadas foram a

maneira que encontrei para melhor compor a discussão acerca dos processos de constituição dos sujeitos nas sociedades neoliberais.

4.1 Sobre a Governamentalidade

A governamentalidade emerge como uma das ferramentas desenvolvidas por Michel Foucault na década de 1970, período no qual o filósofo ministrava cursos no *Collège de France*. Estes cursos, agora organizados em livros, tornaram-se importantes fontes do pensamento do “professor Foucault”, tendo em vista que estas aulas permitem que acompanhem o desenvolvimento de alguns dos conceitos que compõe a caixa de ferramentas (o léxico conceitual) do autor.

Em seus cursos, Foucault realizou um interessante movimento acadêmico, deslocando-se da análise das condições de possibilidade da emergência de determinadas epistemes (os domínios do saber) para uma ênfase nas relações de poder e, com o conceito de governamentalidade, para os processos de subjetivação e o governo dos homens²⁶. Estas matrizes analíticas (saber, poder e subjetivação) permitiram ao filósofo a composição de novas problematizações e novas ferramentas de pesquisa.

Nos cursos *Segurança, território, população* (1978) e *Nascimento da biopolítica* (1979) Foucault dedicou-se ao estudo das diferentes artes de governar²⁷. Vale destacar o significado que o filósofo atribui ao(s) governo(s) em sua análise, tendo em vista que é ele que permite a operacionalidade da governamentalidade. Nas palavras de Márcio Alves da Fonseca:

Ao falar em “governo” no âmbito destes dois cursos, Foucault não se refere, portanto, aos “regimes políticos” assumidos pelos Estados. Quando fala em “governo” no contexto do estudo das “artes de governar”) refere-se ao problema da “gestão das coisas e das pessoas”, refere-se ao problema de sua “condução”, refere-se ao problema da “condução das condutas” dos indivíduos de uma sociedade (2008, p. 158).

²⁶ Ver FONSECA, Márcio Alves da (2008).

²⁷ Para uma discussão mais ampla acerca do conteúdo dos cursos ministrados por Michel Foucault e seus procedimentos didáticos ver NOGUERA-RAMIRÉZ (2008 e 2011).

Assim, ao propor o termo governamentalidade, Foucault preocupa-se em compreender a constituição das diferentes formas de condução dos sujeitos na sociedade a partir do conjunto de técnicas, saberes e informações que organiza (e conduz) o corpo social, a população.

Com a palavra “governamentalidade” eu quero dizer três coisas. Entendo por “governamentalidade” o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança. Em segundo lugar, por "governamentalidade" entendo a tendência, a linha de força que, em todo o Ocidente, não parou de conduzir, e desde há muito, para a preeminência deste tipo de poder que podemos chamar de "governo" sobre todos os outros - soberania, disciplina - e que trouxe, por um lado, o desenvolvimento de toda uma série de aparelhos específicos de governo [e, por outro lado], o desenvolvimento de toda uma série de saberes. Enfim, por "governamentalidade", creio que se deveria entender o processo, ou antes, o resultado do processo pelo qual o Estado de justiça da Idade Média, que nos séculos XV e XVI se tornou o Estado administrativo, viu-se pouco a pouco "governamentalizado". (FOUCAULT, 2008, p. 143-144).

Desta forma, podemos entender a governamentalidade como o *modus operandi*, a forma como o governo opera. Segundo César Candiotto:

Quando o filósofo [Foucault] estuda a governamentalidade está pensando no exame de práticas, maneiras de fazer, modos de aplicação do governo, seu desenvolvimento e refinamento sucessivo e o saber vinculado a seu exercício. Por conseguinte, trata-se de estabelecer articulações entre estratégias de poder e suas justificações de verdade mediante o governo dos homens (2013, p. 100)

Para os estudos *foucaultianos*, as relações de poder precisam ser entendidas dentro de sua positividade, ou seja, dentro daquilo que elas produzem. Significados, verdades, narrativas e sujeitos são produzidos dentro de uma relação estratégica, uma relação que tem objetivos a atender e que não são parte (ou exclusivas) do Estado ou suas instituições. Como nos aponta André de Macedo Duarte:

Com a noção de governamentalidade Foucault podia referir-se a políticas administrativas estatais e, ao mesmo tempo, reiterar a importância de deixar de lado a figura do Estado e de seu poder, onipotente e omnipresente, capaz de controlar todos os recantos da vida social, recusando-a em nome da ideia de que os poderes se exercem por meio de técnicas difusas e discretas de governo dos indivíduos em diferentes domínios (2011, p. 1)

Findando essa seção do texto, nesta configuração teórica, o conceito de governamentalidade surgiu como uma forma de apreender as diferentes artes políticas de governar estudadas por Foucault, sobretudo o liberalismo do século XVIII e o neoliberalismo do século XX.

4.2 Governamentalidade Neoliberal e Teoria do Capital Humano

O neoliberalismo é uma temática bastante explorada na pesquisa em Educação, entretanto, os diferentes pontos de partida destes trabalhos resultam em concepções plurais acerca deste tópico. Ao demarcar os estudos *foucaultianos* como ponto de partida, marco também minha compreensão do neoliberalismo enquanto *ethos*, ou seja, uma governamentalidade que conduz o governo dos sujeitos e produz subjetividades.

Em sua análise Foucault (2008) introduziu novos questionamentos no que se entendia por neoliberalismo, pois partiu de uma matriz analítica diferente da utilizada pelos intelectuais da esquerda marxista, por exemplo. Segundo Geoffroy de Lagasnerie (2013), as críticas ao neoliberalismo foram durante muito tempo formadas por um “discurso que retorna”, discurso no qual o neoliberalismo é reduzido a uma continuidade do liberalismo clássico. Desvincular-se desta concepção e compreender o neoliberalismo como um processo que se distancia do liberalismo clássico é fundamental na crítica neoliberal. Nas palavras de Lagasnerie:

O neoliberalismo constrói novas percepções do Estado, do mercado, da propriedade de si ou de seu corpo. Engendra novas existências democráticas, sociais ou culturais, novas relações com a violência, a moral e a diversidade. Questiona a legitimidade e inúmeros conceitos tradicionais de regulação e controle (2013, p. 34 – 35).

Ao propor o conceito de governamentalidade e descentralizar as tecnologias e estratégias de governo do Estado, Foucault (2008) expande os efeitos do neoliberalismo na sociedade. Para o filósofo, o neoliberalismo não pode ser entendido apenas como um sistema econômico, mas sim como uma racionalidade que produz sujeitos. Discorrer sobre o neoliberalismo enquanto ética significa reconhecer que, apesar da centralidade da economia e do mercado na política neoliberal, o mesmo não pode ser reduzido a isso, pois “escorre” para questões mais amplas dentro da sociedade.

Compreender o neoliberalismo, portanto, não é compreender uma realidade econômica e social que seria dotada de uma materialidade e uma objetividade. É apreender um projeto, uma ambição jamais consumada e que exige ser perpetuamente reativada. É apreender algo da ordem da “aspiração” (LAGASNERIE, 2013, p. 41).

Sendo a governamentalidade um conjunto de técnicas, estratégias e saberes que visam a organização do governo de uma população, esta resulta em diferentes racionalidades. No curso *Nascimento da biopolítica*, Foucault (2008) dedica-se a análise da governamentalidade liberal e neoliberal, bem como as diferentes vertentes acadêmicas que as analisam, sua organização e processos de condução dos sujeitos.

Como citado anteriormente, alguns pesquisadores tendem a encaixar o liberalismo e o neoliberalismo dentro de um mesmo eixo de análise, como se o segundo fosse apenas uma continuidade do liberalismo clássico e uma forma dos opressores controlarem os oprimidos. Dentro dos estudos *foucaultianos*, a utilização desses termos necessita mais atenção pois, nessa perspectiva, os dois sistemas (ou racionalidades) compõe diferentes *ethos*, ou seja, tratam-se de governamentalidades diferentes.

Apesar do vocabulário do liberalismo e do neoliberalismo ser composto por termos e preocupações comuns (como o papel do Estado, do mercado e a liberdade), é necessário compreender os dois sistemas levando em consideração que, apesar de suas aproximações, existem importantes distanciamentos, uma vez que, “promovem concepções distintas do mercado, de seu lugar na sociedade – e, o mais importante, da relação entre a racionalidade econômica e o Estado” (LAGASNERIE, 2013, p. 6)”.

Foucault (2008) inicia sua análise da sociedade liberal a partir do novo papel do mercado. Se durante a Idade Média o mercado era “essencialmente um lugar da justiça (p. 42)”, um espaço que deveria ser controlado pelo Estado com a finalidade de evitar a fraude nos preços dos alimentos e que as camadas mais pobres da população não morressem de fome, a partir do liberalismo do século XVIII, passa a ser o local da verdade, ou seja, um espaço regulado pelos mecanismos naturais e pela espontaneidade. Para o filósofo:

[...] o que se descobre nesse momento, ao mesmo tempo na prática governamental e na reflexão dessa prática governamental, é que os

preços, na medida em que são conformes aos mecanismos naturais do mercado, vão construir um padrão de verdade que vai possibilitar discernir nas práticas governamentais as que são corretas e as que são erradas. Em outras palavras, o mecanismo natural do mercado e a formação de um preço natural é que vão permitir – quando se vê, a partir deles, o que o governo faz, as medidas que ele toma, as regras que impõe – falsificar ou verificar a prática governamental (FOUCAULT, 2008, p. 44 - 45).

A governamentalidade liberal é formada pela racionalidade política (representada pelo Estado) e a racionalidade econômica (representada pelo mercado). A busca de equilíbrio entre política e economia procura delimitar as fronteiras de atuação do Estado, demarcando como norteador econômico o “*laissez-faire*” e o mercado como um espaço de liberdade, ou seja, no liberalismo clássico o Estado deve intervir o mínimo possível na economia.

O século XX marca uma crise no liberalismo, em decorrência da ascensão dos regimes totalitários e do socialismo, sistemas que substituíram a mão invisível do mercado pelo pulso firme do Estado. Nesse contexto, o neoliberalismo surge como uma crítica a esses sistemas e representa novas concepções para o papel do mercado na sociedade e transformam a relação entre a economia e a política.

O liberalismo clássico impunha uma fronteira entre o econômico e o político e, em virtude disso, autorizava uma forma de coexistência pacífica entre a racionalidade de mercado e a racionalidade política (cada um em seu lugar). Inversamente, o neoliberalismo pretende subordinar a racionalidade política (e demais domínios da sociedade) à racionalidade econômica. O Estado é colocado sob a vigilância do mercado; ele deve governar não apenas *para* o mercado, mas também em função do que dita a lógica do mercado (LAGASNERIE, 2013, p. 48).

Para Paula Deporte de Andrade e Mozart Linhares da Silva:

Se na perspectiva liberal o Estado era visto como um adversário que deveria ser constantemente enfrentado no intuito de limitar-lhe a interferência na economia, e era, nesse sentido, um adversário da liberdade, um adversário que deveria ser combatido, na perspectiva neoliberal, ao contrário, o Estado é entendido como um aliado e até mesmo como um “instrumento” (2017, p. 49).

Enquanto o liberalismo preocupa-se com os limites de atuação do Estado dentro do mercado, o neoliberalismo funda a política e “determina as formas e a natureza da intervenção pública (LAGASNERIE, 2013, p. 49)”, modificando a relação entre a política e a economia. Essa relação entre alicerça a principal diferença entre o liberalismo e o neoliberalismo. Conforme Veiga-Neto:

O princípio de inteligibilidade do liberalismo enfatizava a troca de mercadorias num ambiente socioeconômico o mais livre e espontâneo possível. Ao contrário, o princípio de inteligibilidade do neoliberalismo passa a ser a competição: a governamentalidade neoliberal intervirá para maximizar a competição, para produzir liberdade para que todos possam estar no jogo econômico. Dessa maneira, o neoliberalismo constantemente produz e consome liberdade. Isso equivale a dizer que a própria liberdade se transforma em mais um *objeto de consumo* (2011, p. 39).

Nessa direção, para Jason Read (2009), a governamentalidade neoliberal constitui-se como um paradoxo, pois “governa sem governar”. Isso porque, a partir da produção da liberdade, o neoliberalismo “opera nos interesses, desejos e aspirações ao invés dos direitos e deveres; não marca os corpos diretamente como o poder soberano, ou os cerca, como o poder disciplinar; ao contrário, age na condução de ações (p. 29)²⁸”.

Como mostraram Alfredo Veiga-Neto (2000) e Maura Corcini Lopes (2009) o neoliberalismo não representa uma derrota ou uma diminuição do Estado, mas sim uma reorganização das técnicas de governo, fazendo com que o Estado também se transforme em uma grande empresa e que esteja presente nas práticas, sejam elas institucionalizadas ou não.

No curso *Nascimento da biopolítica*, Foucault destaca as condições de emergência do neoliberalismo na França, na Alemanha (onde é denominado ordoliberalismo) e nos Estados Unidos. Em minha pesquisa, foquei nas questões referentes ao modelo americano, tendo em vista que foi esta a corrente teórica que desenvolveu a Teoria do Capital Humano.

Conforme Foucault (2008), o neoliberalismo americano surgiu no contexto pós-guerra, posicionando-se contra três elementos: o *New Deal*, os pactos de guerra²⁹ e a expansão dos programas econômicos e sociais e da administração federal. Em linhas gerais, esses fatores representam uma inserção do Estado nas questões econômicas, adentrando o espaço livre do mercado.

²⁸ Tradução minha.

²⁹ Por pactos de guerra, Foucault compreende os “projetos de intervencionismo econômico e de intervencionismo social que foram elaborados durante a guerra” (2008, p. 298).

Outro fator considerado pelo filósofo na constituição do neoliberalismo americano é a influência do liberalismo clássico nos Estados Unidos, em razão do próprio processo de independência estado-unidense ser atravessado por reivindicações de cunho liberal e do liberalismo ter permanecido como um componente central nos debates políticos da nação em questão. Desta forma, consoante Foucault:

O liberalismo, nos Estados Unidos, é toda uma maneira de ser e de pensar. É um tipo de relação entre governantes e governados, muito mais que uma técnica dos governantes em relação aos governados. [...] É por isso que eu creio que o liberalismo americano, atualmente, não se apresenta apenas, não se apresenta tanto como uma alternativa política, mas digamos que é uma espécie de reivindicação global, multiforme, ambígua, com uma ancoragem à direita e à esquerda. É também uma espécie de foco utópico sempre reativado (2008, p. 301).

Além da tradição histórica e da presença da pauta liberal na política norte-americana, a compreensão do liberalismo como um “modo de ser e pensar” propiciou a constituição de uma matriz de análise diferente nos Estados Unidos. Conforme Lagasnerie:

Um dos golpes de força do neoliberalismo consiste, por conseguinte, em propor decifrar todo um conjunto de realidades e referências não mercadológicas em termos mercadológicos. O homem não é mais pensado como um ser compartimentado que adotaria raciocínios econômicos para suas ações econômicas, mas que obedeceria a valores sociais, morais, políticos, psicológicos, éticos, etc., em outros domínios de sua existência. Ele é conceitualizado como um ser unificado, coerente (2013, p. 149).

A possibilidade de pensar o humano como capital, ou seja, medir a riqueza *no* indivíduo e não apenas *do* indivíduo enquanto detentor de capital ou meios de produção, surge com a elaboração da Teoria do Capital Humano, desenvolvido nos anos 1960 grupo conhecido como Escola de Chicago³⁰. No texto *Investment in Human Capital*, publicado em 1961, o professor Theodore W. Schultz escreve a respeito deste conceito:

Embora seja óbvio que as pessoas adquirem habilidades úteis e conhecimentos, não é óbvio que essas habilidades e conhecimentos são uma forma de capital, que este capital é em parte substancial, parte de um produto de investimento deliberado, que se desenvolveu nas sociedades ocidentais de forma mais rápida que o capital convencional

³⁰ No livro *Biopolítica, governamentalidade e educação: introdução e conexões*, a partir de Michel Foucault, Sylvio Gadelha apresenta maiores informações acerca da composição do grupo. Ver GADELHA, 2013;

(não-humano), e que seu crescimento talvez seja a forma mais distinta do sistema econômico. Observou-se amplamente que o crescimento no rendimento nacional tem sido comparado com o acréscimo de terras, de homens-hora e capital físico reproduzível. Investimento no capital humano talvez seja o que explique esta diferença.

Muito do que chamamos de consumo constitui investimento em capital humano. Gastos com educação, saúde e migrações internas para aproveitar melhores oportunidades de trabalho são exemplos claros. Salários perdidos por estudantes mais velhos nas escolas e trabalhadores fazendo treinamentos no local de trabalho são exemplos claros. Ainda assim, nada disso entra na nossa riqueza nacional. O uso de tempo livre para aperfeiçoar habilidades e conhecimentos é um hábito comum e também não é considerado. Nesses casos e em outros similares, a *qualidade* da dedicação humano se desenvolve e sua produtividade cresce (1961, p. 1).³¹

Para Schultz, este investimento no desenvolvimento de habilidades, no estudo e capacitação, mesmo não dando um retorno direto para os cofres públicos em termos de capital, era responsável pelo desenvolvimento econômico, visto que o “investimento no capital humano conta consideravelmente para o aumento salarial por trabalhador (1961, p. 1)”³² e que o crescimento do capital humano se dava de forma mais acelerada que o dos capitais “não-humanos”.

Segundo Foucault (2008), a emergência do neoliberalismo americano e a Teoria do Capital Humano marcam uma transformação epistemológica no que tange a questão da economia. Enquanto o liberalismo clássico, representado por intelectuais como Adam Smith, dedicava-se a análise dos processos de produção, troca e da organização dos mercados, o neoliberalismo reinsere o trabalho na análise econômica. Isso não significa pensar no trabalho como um objeto ou naquilo que ele produz e o seu valor, mas pensá-lo a partir do trabalhador.

O problema fundamental, essencial, em todo caso primeiro, que se colocará a partir do momento em que se pretenderá fazer a análise do trabalho em termos econômicos será saber como quem trabalha utiliza os recursos de que dispõe. Ou seja, será necessário, para introduzir o trabalho no campo da análise econômica, situar-se do ponto de vista de quem trabalha; será preciso estudar o trabalho como conduta econômica, como conduta econômica praticada, aplicada, racionalizada, calculada por quem trabalha (FOUCAULT, 2008, p. 307).

³¹ Tradução minha.

³² Tradução minha;

Desta forma, ao reinserir o trabalho na análise econômica, o neoliberalismo compreende o trabalhador não como uma força de trabalho, “mas um sujeito econômico ativo (FOUCAULT, 2008, p. 308)”. Conforme Eduardo Seixas Migowski:

a renda do trabalhador deixa de ser o produto do seu trabalho, para se tornar tudo aquilo que ele consegue adquirir ao longo da sua vida, e que pode ser revertido para o mercado. Ora, o salário é uma remuneração por uma determinada função exercida, mas que é medido pelo conjunto de habilidades físicas e psíquicas que um empregado adquire ao longo da sua existência, que o possibilita a exercer determinada função e a ganhar um determinado salário. Portanto, a renda do trabalhador não é somente o salário que ele ganha, mas diz respeito à sua capacidade de investimento em si mesmo, para que possa exercer determinadas funções futuras (2015 p. 10)

É nessa condição que Foucault introduz o conceito de *homo economicus*, o “empresário de si mesmo, sendo ele seu próprio capital, sendo para si mesmo seu produtor, sendo para si mesmo a fonte de [sua] renda (2008, p. 311). Em uma sociedade onde a economia transborda o campo financeiro e constitui o tecido social, o *homo economicus* é o sujeito que, inserido no jogo neoliberal, torna-se responsável pelo seu próprio sucesso.

O *homo economicus* sinaliza a ambivalência neoliberal da liberdade e da responsabilidade. Livres, os sujeitos podem tomar suas decisões, traçar seus objetivos pessoais e profissionais, bem como, conduzir suas vidas a partir da gama de desejos pela qual são constantemente seduzidos. Responsáveis, precisam tomar as decisões corretas, manter-se em formação e aprimoramento constantes, garantindo sua permanência – e, se possível, sua vitória – no jogo neoliberal.

Frente a proliferação do neoliberalismo na sociedade e da aceleração do tempo, ocorrem também significativas transformações nas formas de produção e consumo. A fábrica, símbolo da sociedade industrial, organizada pela divisão do trabalho e fixação dos trabalhadores em tempos (jornadas semanais, o controle do relógio, o ponto a ser registrado) e espaços (setores e funções que cada um é responsável) vai cedendo seu protagonismo para a empresa e uma nova lógica produtiva.

Para Veiga-Neto (2011) as transformações no cenário de trabalho mudaram drasticamente com a empresa. Além da redução do número de funcionários, modificam-se também os regimes de trabalho e a quantidade de horas trabalhadas. As

funções deixam de ser fixas e passam a exigir que os funcionários sejam flexíveis e consigam realizar tarefas que envolvem todo o processo produtivo. Se antes era necessário organizar e controlar os trabalhadores em contextos de produção, em uma sociedade marcada pela competição e o individualismo torna-se natural (e esperado) que as pessoas trabalhem em ambientes fora da empresa e estejam disponíveis para resolver questões de seu trabalho 24 horas por dia, inclusive nos momentos de férias. Na empresa não se controla o corpo, mas dá-se espaço para que o trabalho se torne criativo, colaborativo e atento.

O desenvolvimento dos artefatos digitais também foi responsável pela diluição desta lógica na sociedade contemporânea. A facilidade em comunicar-se com pessoas em outras partes do mundo ampliou a colaboração esperada entre as filiais, enquanto o *smartphone* e o *laptop* (sempre conectados) permitem localizar funcionários quando necessário.

Carine Bueira Loureiro e Maura Corcini Lopes consideram a acessibilidade um importante requisito para a constituição da subjetividade do *homo economicus*, fazendo o uso do termo *accessibilis* para melhor demarcá-la.

Por esse viés, sabe-se que ao *Homo oeconomicus*, na atualidade, é preciso agregar a habilidade da acessibilidade, para fazer referência à sua capacidade e à disponibilidade para acessar e manter-se acessível. Em outras palavras, o sujeito empresário de si mesmo, na atualidade, é o *Homo oeconomicus accessibilis*. Este, além de assumir a responsabilidade pelo direcionamento das condutas de si e dos outros, deve também desenvolver condições para se manter conectado, disponível para acessar e ser acessado e, assim, cada vez mais disponível para ser capturável e conduzido. (2015, p. 338)

Destarte, para as autoras, a inclusão digital insere-se na governamentalidade neoliberal como um processo responsável pela expansão do alcance do governo, tendo em vista que, conectados, os sujeitos podem investir em seu potencial, desenvolver habilidades e garantir melhores condições de empregabilidade. Conseqüentemente, ao investir e governar a si, os sujeitos tornam-se capazes de governar os outros.

Bauman (2008) nos aponta também que, em uma sociedade de consumidores, o consumo perde seu papel como garantia de segurança e torna-se mais um elemento atravessado pelos impactos culturais da aceleração do tempo. Nessa direção,

compram-se produtos com serventia e validade reduzidas, em uma engrenagem que exige tanto que os consumidores continuem comprando, quanto que os produtores criem bens que evoquem novas ideias, novos mundos. Antes de produzir o produto, é necessário construir todo um universo de desejo que convença os consumidores (daí a importância de áreas como o *marketing*).

O consumo precisa ser compreendido como uma das nossas dimensões culturais pois envolve uma rede de sentidos que atravessam e conduzem a vida dos sujeitos. Mais do que comprar, consumir é pertencer. O pertencimento no jogo é uma das exigências do neoliberalismo, logo, consumir também pode ser entendido como um investimento de si e uma forma de permanecer em movimento.

A vida do consumidor, a vida de consumo, não se refere à aquisição e posse. Tampouco tem a ver com se livrar do que foi adquirido anteontem e exibido com orgulho no dia seguinte. Refere-se, em vez disso, principalmente e acima de tudo, a *estar em movimento* (BAUMAN, 2008, p. 126)

Com a globalização e o acesso à internet tornando-se uma realidade na vida de cada vez mais pessoas, consumir tornou-se um exercício com ritmo acelerado, que se transforma frequentemente. O sucesso do fenômeno da “ostentação” nas redes sociais não se encontra na publicação das fotos dos produtos adquiridos, mas na substituição desses bens. Surgem novos lugares “badalados”, novos roteiros de viagem, mudam-se as cores e os penteados da estação.

Assim, o *ethos* neoliberal constitui-se a partir de fenômenos que envolvem as relações de trabalho, produção e consumo, costurando a malha da governamentalidade e capturando os sujeitos em processos de subjetivação plurais que tem como objetivo comum conduzi-los e governá-los.

4.3 O *homo economicus* e a governamentalidade neoliberal em *Nosedive*

Com a finalidade de melhor articular as características do *homo economicus*, trago nessa seção do texto algumas cenas de *Nosedive*, tendo em vista que o universo composto no episódio é habitado por diversos exemplos dessa subjetividade neoliberal.

Começando pelo investimento de si e a Teoria do Capital Humano, refiro-me a protagonista Lacie Pound. Para conquistar uma avaliação positiva, ela precisa manter-se disposta, flexível e agradável. Não pode contestar decisões e deve concordar com todos, de preferência sorrindo, independente da forma como é tratada. Durante o episódio, a personagem toma diversas atitudes visando garantir uma melhor avaliação, ou seja, preocupa-se (e investe) no seu capital através da publicação dos alimentos que consome, dos espaços que frequenta, do controle de seus gestos e procura um *coach* para auxiliá-la a atingir seu objetivo: garantir uma nota alta o suficiente para receber um desconto no aluguel de sua casa nova.

O mesmo vale para Chester, o colega de trabalho de Lacie. O personagem precisa reconquistar a confiança e o respeito de seus colegas de trabalho depois de trair o namorado. Para isso, investe em bajulações como oferecer bebidas para os companheiros de empresa. A medida não funciona e Chester perde ainda mais pontos. Em uma sociedade baseada em investimentos e resultados, podemos afirmar que o personagem tomou as decisões erradas e foi responsável pelo seu fracasso.

Veiga-Neto (2000) aponta que “o sujeito ideal do neoliberalismo é aquele que é capaz de participar competindo livremente e que é suficientemente competente para competir melhor fazendo suas próprias escolhas e aquisições” (p. 11). Em *Nosedive*, é a competição e o desejo por sucesso que movimentam Lacie. A personagem frequentemente visita os perfis de usuários com avaliações melhores que ela em busca de formas de expandir a sua própria nota: seja imitando receitas, comentando em suas postagens ou os avaliando com cinco estrelas (o valor máximo do sistema) para chamar sua atenção. Para tornar-se bem-sucedida era necessário observar, interagir e emular as ações dos vencedores.

Naomi proporciona reflexões interessantes acerca da competitividade pois, apesar de ser uma *prime user*, também usa Lacie como uma forma de ampliar sua nota. Nessa direção, a personagem ilustra aquilo que Bauman (2008) define como uma das regras que sustentam o consumismo neoliberal: manter-se em atividade, em transformação constante.

A cultura consumista é marcada por uma pressão constante para que sejamos *alguém mais*. Os mercados de consumo se concentram na desvalorização imediata de suas ofertas, a fim de limpar a área da demanda pública para que novas ofertas a preencham. Engendram a insatisfação com a identidade adquirida e o conjunto de necessidades pelo qual se define essa identidade. Mudar de identidade, descartar o passado e procurar novos começos, lutando para renascer – tudo isso é estimulado por essa cultura como um *dever* disfarçado de privilégio (2008, p. 128).

Mesmo com sua avaliação expressiva, a personagem necessita buscar novas formas de ampliar sua influência: fotos com animais, exercícios, férias na praia, receitas exóticas ou um relacionamento duradouro não são o suficiente, é necessário um casamento luxuoso e emocionante que, com o apelo da nostalgia³³ esperado pelo discurso de Lacie, garanta o maior número de estrelas possível.

Na mesma direção, outro elemento a ser avaliado é a forma como as relações entre os personagens se estabelecem. Com a necessidade de impressionar pessoas com prestígio e, conseqüentemente, garantir a ampliação de seu círculo de influência e conquistar mais avaliações, Lacie tenta bajular Bethany e Naomi. A personagem age de forma solidária com outras pessoas “medianas”, em um esforço comum para alavancar a nota de ambos, e mostra desconfiança e receio de usuários com notas baixas (como Susan). Apesar das relações baseadas em interesses não serem novidade, a forma como os artefatos digitais as direcionam (incentivando ou reprimindo a interação entre os personagens) condiz com um fenômeno novo dentro da racionalidade neoliberal.

Lopes (2009) destaca que no neoliberalismo é indispensável que todos sejam incluídos, mesmo que em níveis diferentes. Ryan, o irmão de Lacie, é um bom exemplo desse processo. Apesar de não concordar com as atitudes extremas da irmã, o personagem participa do jogo dos números com seu desempenho em jogos de *videogame*. A lógica do investimento de si é a mesma entre os irmãos, o que muda é como investem em sua pontuação e o quão inseridos eles estão no jogo. Os personagens também apontam a existência da liberdade, afinal, os sujeitos podem investir em si da forma como melhor preferirem, desde que façam esse investimento.

³³ Apesar de Lacie remeter ao passado de Naomi, o apelo nostálgico da amiga de infância apresentaria um lado novo de Naomi para seus amigos recentes.

A personagem Susan, que afirma não se importar com as avaliações que recebe, permanece com um perfil *online* e constantemente atualizado, ou seja, continua dando significado para a experiência de compor uma imagem de si. Nessa direção, os personagens exemplificam que, mesmo compondo as “linhas de resistência” do episódio, também estão inseridos no sistema avaliativo exibido no episódio.

Podemos observar também como o Estado perde a centralidade das relações de poder e governo em *Nosedive*, pois em momento algum do episódio há uma menção a instituições políticas. Entretanto, os personagens estão inseridos em uma sociedade governamentalizada pois são constantemente governados uns pelos outros e praticam uma série de rituais burocráticos que mantem as relações de poder e os processos de subjetivação operantes. Chester é um personagem que simboliza esse fenômeno pois, ao trair o namorado, passa a ser negativado por seus colegas de trabalho, ou seja, ao sair da linha de comportamento esperado, o personagem foi excluído do jogo como punição. Lacie, que não sabia do ocorrido, foi solidária ao colega e recebeu uma nota negativa, um alerta para que a personagem também o exclua se não quiser ser excluída com ele.

As trocas de avaliação, além de registrarem como uma pessoa é vista e garantir o acesso dos usuários a benefícios diversos (a casa dos sonhos de Lacie, um carro melhor no serviço de alugueis, reservas de voo, etc.) servem como um dispositivo de governo, pois o medo de uma avaliação negativa e do não pertencimento ao grupo privilegiado controla, até certo ponto, o comportamento das pessoas, garantindo a harmonia do universo em tons pastéis de *Nosedive*.

5

EDUCABILIDADE, DESENVOLVIMENTO BIOTECNÓLICO E CAPITAL PÓS-HUMANO

5.1 Educabilidade em contextos neoliberais

No livro *Comenius & Educação*, Mariano Narodowski nos conta que, ao fundar a didática moderna, Jan Amos Comenius³⁴ considera que os seres humanos se caracterizam pela sua capacidade de serem educados, ou seja, sua *educabilidade*. Na visão do pedagogo, a humanidade está inserida no centro das criações divinas e possui razão, sensibilidade e aptidão para o conhecimento. Indo de encontro a uma das marcas do século XVII – a educação para os privilegiados –, Comenius defendeu que homens e mulheres nasceram para aprender, e “educar tudo para todos” foi sua principal contribuição para a universalização do ensino.

Para Comenius o desejo e a capacidade de aprender e buscar novos conhecimentos despertam desde a infância e atravessam a vida dos sujeitos. Nas palavras de Narodowski:

Assim, a educabilidade do homem é o ponto de partida da Educação. Essa é a potencialidade do homem, que deve ser posta em ato na prática educativa. Tal potencialidade de se converter em homem aparece no discurso comeniano como aquela condição que institui a essência especificamente humana (2007, p. 78).

É importante nos atentarmos que, ao defender a educação de “todos”, Comenius demarca certos limites. Se por um lado é possível que a escola eduque e “amanse” determinados comportamentos, o pedagogo destaca que existem (mesmo que de forma atípica) os seres que carecem de educabilidade: surdos, cegos, pessoas com má saúde, etc. Para Comenius, essas minorias são raras e insignificantes no que se refere a universalização do ensino. São os ineptos, os menos prováveis, os que não precisamos nos preocupar (NARODOWSKI, 2007).

³⁴ Para essa seção do texto utilizei como referência o livro *Comenius & Educação*. Ver NARODOWSKI (2007).

A educabilidade e a possibilidade de que todos aprendam se constitui como um norteador pedagógico até hoje, entretanto, precisa ser compreendida como um fenômeno que é produzido dentro de diferentes racionalidades. Desta forma, enquanto a educabilidade moderna possuía certos entraves no sujeito a ser educado, em uma sociedade neoliberal, a educabilidade é atravessada por novos regimes de verdade. Segundo Roberto Rafael Dias da Silva e Elí Terezinha Henn Fabris:

Pelo menos desde Comenius, os processos educativos partem desse pressuposto, ou seja, mobilizam-se desde a compreensão do ser humano como sendo dotado de razão e, como tal, capaz de compreender e transformar a natureza à sua volta. Na medida em que, desde a argumentação comeniana, os sujeitos são educáveis e todos devem aprender, são inúmeras as táticas modernas de condução desses sujeitos. A maioria, a civilidade, a urbanidade, a emancipação são alguns dos lugares teleologicamente prometidos pelas práticas escolares de governo (2010, p. 353).

Assim, para os autores, a educabilidade incrementa as práticas de governo. Conforme intensificam-se as práticas educativas (sejam na escola ou fora dela), se intensifica também a condução da vida dessas pessoas. Educa-se (e governa-se) conforme a racionalidade, o discurso e os regimes de verdade de uma era. Mas como a educabilidade neoliberal difere-se da ideia proposta por Comenius?

Em primeiro lugar, pela inclusão daqueles que Comenius considerou inaptos, as minorias como a comunidade surda ou cega. A sociedade neoliberal, ao incluí-los na lógica da educabilidade, cria espaços de atuação para que, dentro de suas peculiaridades, todos aprendam e sejam governados.

Como anunciado no capítulo anterior, o neoliberalismo americano e as produções da Escola de Chicago tiveram como principal efeito a inserção de novos elementos nos cálculos econômicos, expandindo o que se entendia por produção de riqueza e colocando novos questionamentos que precisam ser pensados no desenvolvimento financeiro de uma nação. Nesse contexto, é necessário que se eduque para uma nova organização social, onde a economia e, conseqüentemente, a lógica de produção e consumo perpassem a vida dos sujeitos. É necessário educar para que, livres, as pessoas busquem e desejem sua permanência no jogo.

Schultz (1961) e Becker (1994) consideram que a escolarização e o treinamento são as principais formas de investimento em capital humano. Os pesquisadores observaram que, nos Estados Unidos, a diferença salarial entre pessoas graduadas ou que concluíram a *high school* e daqueles que abandonaram os estudos cresceu significativamente a partir dos anos 1980. Enquanto os intelectuais dos anos 40 e 50 preocupavam-se com os americanos “supereducados”³⁵, ou seja, os americanos que investiram além do necessário em sua formação, o neoliberalismo anuncia que não há algo como uma formação em “excesso”.

Para Veiga-Neto (2000) a escolarização é uma peça fundamental na máquina neoliberal. A transformação da escola em um espaço de constituição de subjetividades e o surgimento da lógica empresarial nas instituições de ensino condizem com a formação do *homo economicus*. Conforme a “linguagem da empresa” adentra as salas de aula, os alunos são conduzidos e governados em processos de subjetivação que visam sua adequação às demandas neoliberais.

A Teoria do Capital Humano e a “comprovação” do retorno dos investimentos em educação (sejam eles particulares ou públicos) teve importantes consequências no campo de vista político. A possibilidade (e necessidade) de educar, formar e preparar a população para o mundo do trabalho e a condução de si em um contexto neoliberal fez com que a educação recebesse novos olhares por parte dos governantes, das próprias instituições escolares e da sociedade como um todo. A educação, capturada pela governamentalidade neoliberal, tornou-se o campo alvo de diversas estratégias que visam conduzir os processos de educabilidade dos sujeitos.

Dentre as estratégias criadas no Brasil, podemos citar o Exame Nacional do Ensino Médio, a Prova Brasil e o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb). Essas avaliações, além de recolher os índices de desempenho dos estudantes brasileiros, também servem como “moeda de troca” na busca por financiamentos e empréstimos com o Banco Mundial. Ou seja, muito mais do que avaliar o que os estudantes estão aprendendo, o interesse do governo nas questões referentes à educação também condiz com uma necessidade econômica. O aumento na oferta de

³⁵ Gary Becker (1994) utiliza o termo “overeducated Americans”.

vagas e a exigência da matrícula dos filhos (e o controle de sua frequência) para o acesso a benefícios como o Bolsa Família evidenciam o papel da educação formal no desenvolvimento do país.

Apesar da importância da escola e das instituições formais de ensino na educação, o neoliberalismo exige uma ampliação do olhar para fenômenos que não se limitam à sala de aula. Isso porque o imperativo de formação constante ressignifica os processos de aprendizagem pois interferem no papel da educação, dos processos de aprendizagem, nos tempos e nos espaços que eles devem ocorrer, de forma que a escola torna-se *mais um* dos ambientes de constituição das subjetividades.

Essas transformações tornam a educabilidade mais plástica, pois deslocam a centralidade da escola nos processos de ensino-aprendizagem. Silva e Fabris (2010) apontam para a existência de uma nova maquinaria pedagógica, “em que a escola é apenas mais uma agência para, com base na educabilidade, colocar em ação a governamentalidade (p. 354)”.

Assim, compreendo a educabilidade em tempos neoliberais como a capacidade, a possibilidade e a liberdade de educar-se frente às demandas do mercado. Considero necessária uma análise acerca do desenvolvimento biotecnológico dentro desse processo, pois as novas ferramentas, espaços e tempos que emergem na contemporaneidade ampliam o horizonte da educabilidade.

5.2 Redes sociais e crédito social: o Capital Pós-humano

Se o pós-humano parte da ideia de que o desenvolvimento biotecnológico marca uma nova subjetividade, não seria correto adotarmos o prefixo *pós* ao nos referirmos ao capital humano? Para além das questões gramaticais, penso que seja necessário nos atentarmos para as novas possibilidades de investimento de si em uma sociedade neoliberal conectada, ou seja, nas formas como o desenvolvimento de novas tecnologias proporciona novas formas de investir e produzir a si.

Ao selecionar *Nosedive* como *corpus* discursivo, me ateno às tecnologias centrais do episódio e os fenômenos por ele abordados: as redes sociais digitais e os sistemas de avaliação. Assim, se para Silva e Fabris (2010) a mídia corresponde a uma nova maquinaria pedagógica, suponho que o mesmo pode ser dito das redes sociais e do “crédito social”.

Como *Nosedive*, enquanto distopia, nos possibilita problematizar a contemporaneidade? Em primeiro lugar, pela espetacularização do eu, um processo de exposição do cotidiano, do banal nas redes sociais que as transforma em um espaço autobiográfico. Em segundo lugar, pelo sistema de crédito social, sistemas avaliativos complexos que envolvem uma variedade de notas que passam a constituir o sujeito confiável, desejado e governável.

O surgimento dos microcomputadores e da *internet* proporcionou significativas mudanças nas organizações sociais e no comportamento dos sujeitos. Viviane Mosé, em uma entrevista para o Canal Philos³⁶ cita que uma das preocupações dos intelectuais perante essas transformações era um aumento muito expressivo no isolamento pessoal. Com a emergência das redes sociais digitais o que ocorreu foi o contrário. Segundo a filósofa, antes se “navegava” na *internet* atrás de informações e páginas diversas. O que se observa hoje é que o movimento de navegação foi substituído pela fixação das âncoras. Conforme os aplicativos tornam-se cada vez mais integrados, as redes sociais tomam uma posição central na utilização da *internet* e dos dispositivos digitais pois concentram o conteúdo a ser acessado. Revistas e jornais, por exemplo, contam com perfis nas redes para divulgar as notícias antes vinculadas em seus sites; universidades agenciam grupos estudantis para repassar informações, etc.

Como explica novamente Paula Sibília (2012) os computadores do século XXI transformaram-se em meios de comunicação interconectados e substituíram a comunicação *low tech* (como cartas, telefone e o telégrafo) em menos de uma década.

Primeiro foi o correio eletrônico, uma poderosa síntese do telefone e a velha correspondência, que superava claramente as vantagens do fax e se difundiu a toda velocidade na última década, multiplicando ao infinito a quantidade e a rapidez dos contatos. Em seguida, se popularizaram os

³⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eYRAFPwkjp>.

canais de conversação ou *chats*, que rapidamente evoluíram nos sistemas de mensagens instantâneas como o *MSN* ou o *Yahoo Messenger*, e nas redes sociais como o *MySpace*, *Orkut* e *Facebook*³⁷. Essas novidades transformaram a tela do computador em uma janela sempre aberta e conectada com dezenas de pessoas ao mesmo tempo (p. 144)³⁸.

Diferente do computador, que demanda uma estatização do usuário, hoje artefatos digitais como os *smartphones* permitem uma conexão móvel, que proporciona que o usuário receba e produza conteúdo em qualquer lugar. A janela sempre aberta precisa ser entendida como uma extensão de nosso corpo pois permanecer conectado e disponível é tanto uma demanda profissional quando uma necessidade pessoal.

De acordo com Kietzmann *et al* (2011) as redes sociais “empregam tecnologia móvel e em rede para criar plataformas altamente interativas nas quais os indivíduos compartilham, colaboram, discutem e modificam conteúdos gerados por outros usuários (p. 241)”. Para os autores, o crescimento na oferta de diferentes redes simboliza uma democratização dos veículos de comunicação, uma vez que na *internet* todos podem desenvolver conteúdo, sejam eles textos, vídeos, músicas, etc.

Conforme Sibilía (2012) as redes sociais compõem uma série de ferramentas de curadoria pessoal. Isso porque nas redes cada indivíduo pode (e deseja) criar a própria imagem, seja através da publicação de fotos do seu íntimo, dos filmes que assistiu, do que pensa sobre determinado acontecimento político, etc.

O desenvolvimento de *smartphones* com câmera digital (um recurso oferecido até mesmo nas versões mais básicas dos aparelhos) e a disponibilidade do *wi-fi* e das redes móveis (ampliando o alcance e a duração das conexões) foi um dos principais responsáveis pela intensificação dos espaços de espetacularização do eu. Nessa direção, essas tecnologias democratizaram e naturalizaram a exibição do íntimo, vide as *selfies*³⁹ serem hoje o tipo de fotografia mais tirado⁴⁰.

³⁷ Ironicamente, desde a publicação do livro em 2008 (a versão de 2012 utilizada neste trabalho é a edição eletrônica em formato *E-book*) resta apenas o *Facebook* dentre as redes e programas citados pela autora. A aceleração do tempo também dita o ritmo como as redes sociais ganham (e perdem) seguidores.

³⁸ Tradução minha.

³⁹ Fotografias que as pessoas tiram de si mesmas, normalmente utilizando a câmera frontal do celular.

Como os diários do século XVIII, as redes sociais também são suportes para um processo da escrita de si, porém, precisam ser compreendidas como uma nova forma de subjetivação. Enquanto os livros guardavam reflexões pessoais e compunham um universo do íntimo – trocas de cartas e sentimentos contidos –, a *internet* é palco do “show do eu”.

Esse fenômeno denominado por Sibilia é composto por dois elementos: de um lado, um novo “eu”. Um “eu” que é central, que pode (e deve) exibir sua rotina, os lugares que circula, que abre as cortinas e assume o palco do show. Da mesma forma que uma performance musical, a espetacularização do eu também precisa de um público, precisa do “outro”, afinal, é ele que irá curtir, comentar e compartilhar essas postagens. Não há sentido em publicar fotos e se expor se ninguém irá reagir do outro lado.

Para Sibilia (2012) não se trata de um fenômeno de ficção. A subjetividade pós-humana que estrela o espetáculo é um sujeito que é atravessado pelo discurso neoliberal, logo, a ideia de mostrar o “melhor de si”, editar suas imperfeições, e utilizar recursos como o *Photoshop* e o *Facetune*⁴¹ também configuram uma forma de investimento, afinal, se as imagens são fundamentais no processo da construção de si é natural que as pessoas busquem formas de corrigir aquilo que é considerado imperfeito, que façam postagem calculadas, pensem nas diferentes reações proporcionadas por suas publicações ou que solicitem que um amigo retire uma fotografia que não favorece a maneira como desejam ser vistas.

Assim como os demais artefatos biotecnológicos, as redes sociais estão em constante atualização e vão ganhando maior funcionalidade de acordo com as demandas de seus usuários. Com o sucesso da criação de grupos de classificados (onde produtos são anunciados, vendidos e trocados diariamente), os próprios aplicativos já foram atualizados com versões que possuem novas opções para que os indivíduos negociem. Foram criados também serviços de anúncios, onde empresas

⁴⁰ Disponível em: <https://www.digitaltrends.com/social-media/selfies-are-now-the-most-popular-genre-of-picture-and-in-related-news-everyones-the-worst/>. Acesso em: 15/01/2019

⁴¹ O *Photoshop* é um programa de edição de fotografias, enquanto o *Facetune* é um aplicativo utilizado para “aprimorar” e retocar fotos.

podem contratar planos de valores diversos e ter suas postagens veiculadas para um maior número de seguidores. É interessante notar que não são apenas os empreendedores que buscam um maior número de clientes que utilizam o serviço, pois pessoas físicas também podem assiná-lo e garantir a promoção de sua imagem e a exposição de suas intimidades.

Desta forma, as redes sociais se tornaram uma poderosa aliada na divulgação de serviços, estabelecimentos e bens de consumo. Lojas podem criar um perfil gratuito nas redes e divulgar seus produtos, conquistando um número maior de clientes em potencial. As redes sociais digitais se constituem como um espaço democrático, onde todos tem as mesmas oportunidades de “começar do zero”, conquistar seguidores, clientes e sucesso.

Em uma sociedade neoliberal, onde os indivíduos estão em competição constante e as redes sociais tornaram-se importantes ferramentas no investimento de si, a *internet* também legitima o sucesso dos “vencedores”. O surgimento de profissões como a de *digital influencer* nos direciona para um cenário onde o botão “curtir”, o número de seguidores e o alcance de visualizações das postagens constituem uma nova forma de capital, daí minha justificativa da adesão do termo capital pós-humano ao invés do capital social. É necessário que compreendamos as redes sociais dentro de uma racionalidade neoliberal onde, mais que relacionar-se e construir afetos e encontros, os usuários buscam uma potencialização de si. Ganhar mais curtidas, conquistar mais seguidores... Não há uma ideia de finitude na rede, e, no caso de um perfil atingir o limite máximo de amigos (a título de ilustração, no *Facebook* os usuários podem ter até cinco mil pessoas adicionadas em seu perfil) pode-se criar outra conta e alcançar ainda mais pessoas.

Um exemplo bastante claro da importância do número de seguidores é o da atriz Sophie Turner⁴², que falou abertamente sobre como seu *Instagram* foi um fator decisivo para a conquista de um papel cinematográfico. Turner possui uma legião de fãs (quase 10 milhões somando suas contas no *Facebook*, no *Instagram* e no *Twitter*) pois é parte

⁴² DESTA, Yolanda. The very Millennial way Sophie Turner beat a “better” actress. 2017 Disponível em: <https://www.vanityfair.com/hollywood/2017/08/sophie-turner-social-media>. Acesso em: 09/01/2019.

do elenco principal da série da HBO *Game of Thrones*, uma das séries mais assistidas da atualidade. Ser um rosto reconhecido (e “curtido”) é fundamental para assinar contratos com marcas e garantir outros papéis, dando continuidade a sua carreira.

No Brasil, celebridades digitais como Kéfera Buchmann e atores do canal Porta dos Fundos estrelam em novelas e produções cinematográficas, bem como, publicam livros que circulam entre os mais vendidos no cenário nacional. Com a perda de espaço que a televisão vem sofrendo para os serviços de *streaming* (como a já citada Netflix), a contratação de personalidades populares nas redes sociais pode ser vista como uma tentativa de dar novo fôlego às produções nacionais.

A educabilidade está completamente implicada nesse processo. Diversas instituições já lançaram seus cursos de “influenciador digital”. O curso “Como se tornar um digital influencer de moda”, oferecido pela EduK desde 2017, promete ao aluno ao aumento no seu número de seguidores, despertar a atenção das marcas e traçar planos estratégicos para fazer com que sua marca cresça⁴³. Na mesma direção, o “youtuber”⁴⁴ Whindersson Nunes, um dos maiores influenciadores digitais brasileiros⁴⁵, criou seu próprio curso *online*. Na página⁴⁶, podemos encontrar o seguinte enunciado:

Se você nunca pensou em desenvolver suas habilidades de comunicação na internet, deveria começar agora mesmo. Não tem mais jeito... Não importa se você é médico, arquiteto, empresário, ator, escritor, professor, personal trainer, músico ou advogado. Ou você entra no jogo digital, ou vai ficar para trás. Aprender a se comunicar na internet e das redes sociais nunca foi tão importante.

2017 foi o ano dos "influenciadores digitais" e essa tendência vai ficar ainda mais forte em 2018. São milhões usuários querendo conteúdo e você já tem tudo o que precisa para começar hoje mesmo: conexão com internet, uma câmera (ou celular) e algumas boas ideias. Só precisa aprender a trabalhar elas de um jeito eficiente.

Esse pequeno texto-apresentação do curso traz reflexões interessantes acerca da contemporaneidade, o uso das redes sociais e o capital pós-humano. Em primeiro lugar, implica na necessidade do aprimoramento das habilidades de comunicação na *internet* – independente da profissão. Na sociedade do espetáculo, o “show do eu”

⁴³ <https://www.eduk.com.br/cursos/10-moda/10368-como-se-tornar-um-digital-influencer-de-moda?>

⁴⁴ Youtuber é a denominação dos *vloggers* do *YouTube*, ou seja, produtores de conteúdo audiovisual.

⁴⁵ Em seu site, Whindersson Nunes se autodenomina o maior influenciador digital do Brasil.

⁴⁶ <http://cursodowhindersson.com.br>

também interfere no mundo do trabalho, pois constitui-se como uma forma das pessoas exibirem seu trabalho, suas competências e potencialidades. Nutricionistas e *personal trainers*, por exemplo, exibem receitas e exercícios para estimular o público que busca um corpo mais saudável, conquistando visibilidade e tornando-se referência em suas áreas.

As *it girls*, mulheres que são referência no mundo da moda, nos apontam a necessidade de manter-se atualizado. As postagens que antes eram feitas utilizando plataformas como *blogs* e *fotologs* agora dão as caras em perfis do *Snapchat* e do *Instagram*, ampliando as formas de comunicação entre as produtoras de conteúdo e seu público. Realizar sorteios, divulgar marcas e mostrar sua rotina de beleza são algumas das publicações adotadas por elas para manter-se em alta dentro de seu campo de atuação.

A linguagem do investimento como garantia de “não ficar para trás”, citada no Curso do Whindersson, é típica do neoliberalismo, pois está implicada numa lógica de movimento e competitividade. Dessa forma, a *internet* (e conseqüentemente as redes sociais) se constitui como uma ferramenta indispensável para o investimento de si, do seu capital pós-humano. Ficar para trás (ou não) é responsabilidade de cada um de nós.

Lacie – a protagonista de *Nosedive* – não dispõe dos cursos citados para melhorar seu desempenho, entretanto, contrata um serviço muito similar, o *coach* que a indica as melhores formas de agradar pessoas e conquistar uma avaliação positiva. A capitalização das redes sociais, ou seja, sua transformação em um espaço de produção de riqueza (seja ela monetária ou em estrelas e privilégios) indica a importância da educabilidade de forma mais ampla, entendida aqui como a capacidade de aprender de outras formas, destacada inclusive pelo próprio Curso do Whindersson, que nos diz que para enriquecer basta apenas “aprender e trabalhar de um jeito eficiente”.

Para além das questões referentes ao exibicionismo e a produção de si nas redes sociais, não posso deixar de discorrer sobre o surgimento do “crédito social” Zhima Credit (também conhecido como Sesame Credit) desenvolvido na China pela

Alipay, uma subsidiária do grupo de empresas Alibaba. O sistema, criado em 2015, surgiu da necessidade de conhecer e controlar melhor o mercado consumidor da China⁴⁷, tendo em vista que os chineses não têm o hábito de utilizar cartões de crédito como os americanos, por exemplo. O Sesame Credit funciona de forma bastante simples: você baixa o aplicativo Alipay e pode inscrever-se de forma voluntária no sistema de avaliação, que conta com uma variedade de critérios: características pessoais (sua formação e experiência profissional), seu histórico de crédito, as pessoas com que você se relaciona (se elas possuem ou não dívidas), sua capacidade de pagar empréstimos e seu comportamento (Figura 5).



Figura 5: o cálculo do Sesame Credit envolve critérios diversos.

Podemos observar que parte dos critérios do sistema de crédito não é novo, afinal, é comum que bancos solicitem nosso histórico ou contracheque como uma forma de garantir o retorno financeiro dos empréstimos. Entretanto, o Sesame Credit inseriu novos elementos no cálculo, que avaliam não apenas o comportamento dos indivíduos enquanto consumidores, mas como cidadãos. Conforme Li Yingyun, diretor de tecnologia do Sesame:

⁴⁷ MY. Zhima Credit – Will Alibaba’s social credit turn China into a “Black Mirror” episode?. 2018. Disponível em: <https://rctom.hbs.org/submission/zhima-credit-will-alibabas-social-credit-system-turn-china-into-a-black-mirror-episode/>. Acesso em 09/01/2018.

Uma pessoa que passa 10 horas jogando videogame, por exemplo, seria considerada uma pessoa ociosa, e uma pessoa que frequentemente compra fraldas seria provavelmente um pai, que apresenta maior possibilidade de ser uma pessoa responsável.⁴⁸

Apesar de recente, o sistema já trouxe importantes consequências no que se refere a subjetividade. Os chineses exibem suas notas como “medalhas de honra”⁴⁹ em suas redes sociais. A valorização de uma nota positiva deslocou-se das relações de consumo e vem sendo utilizada inclusive nos aplicativos de namoro, como uma forma dos chineses reafirmarem sua honestidade e confiança. Ao perceber esse comportamento, a Baihe (maior empresa do gênero na China) fez uma parceria com a Alipay onde os usuários com maior nota aparecem em posições de destaque. Conforme o vice-presidente da empresa: “Uma boa aparência é importante, mas é mais importante garantir uma boa renda. A riqueza de seu parceiro é a garantia de uma vida confortável”⁵⁰.

O crédito social, que surgiu com a iniciativa privada e hoje conta com oito empresas diferentes, já está sendo articulado pelo governo chinês. Até 2020, espera-se que a China transforme sua população em *data*, em informação. A finalidade é melhor conhece-la e, por conseguinte, governa-la. De acordo com Celia Hatton (2015), “uma base nacional irá processar uma variedade de informações de cada cidadão, acessando se ele pagou seus impostos, se seus títulos acadêmicos foram realmente conquistados e até mesmo se mulheres foram ensinadas a tomar anticoncepcionais”.

A transformação do crédito social em uma forma de governar a população vai ao encontro daquilo que Gilles Deleuze (1992) denominou como sociedade de controle, “que funcionam não mais por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea (p. 216)”. O filósofo deu continuidade a analítica foucaultiana e apontou para

⁴⁸ HATTON, Celia. China ‘social’ credit: Beijing sets up huge system. 2015. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-china-34592186>. Acesso em 09/01/2018.

⁴⁹ JEFFERSON, Ed. No, China isn’t Black Mirror – social credit scores are more complex and sinister than that. 2018. Disponível em: <https://www.newstatesman.com/world/asia/2018/04/no-china-isn-t-black-mirror-social-credit-scores-are-more-complex-and-sinister>. Acesso em 09/01/2019.

⁵⁰ ROLLET, Charles. The odd reality of life under China’s social credit system. 2018. Disponível em: <https://www.wired.co.uk/article/china-social-credit>. Acesso em 09/01/2019.

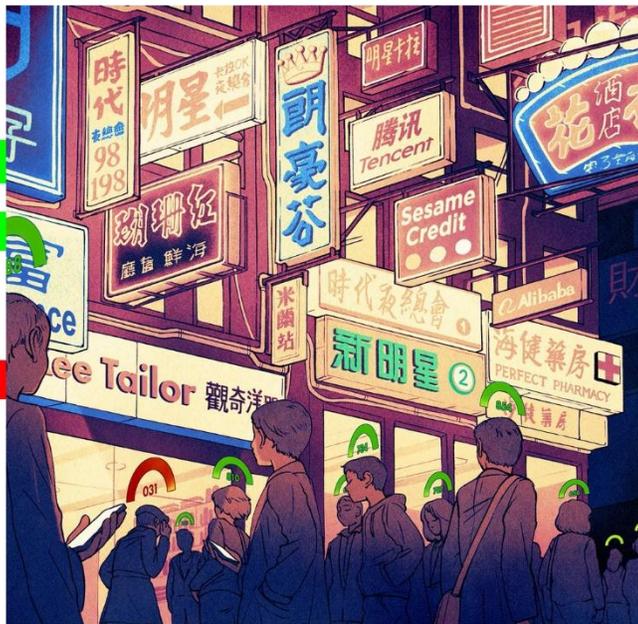
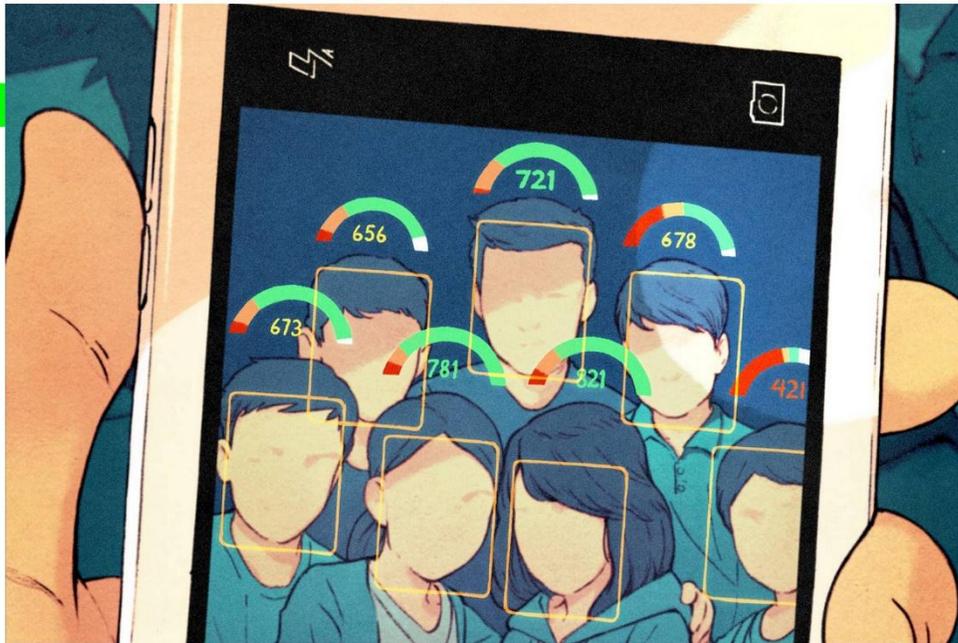


Figura 6: ilustrações do artista Kevin Hong representam a sociedade chinesa.

a ampliação dos dispositivos digitais em um futuro próximo. Vinte anos depois, o futuro professado por Deleuze constitui o nosso presente. Serviços como o Sesame Credit, ao constituir o tipo ideal de sujeito, constrói também as subjetividades não desejadas. Desta forma, o capital pós-humano se insere em uma relação onde educação, desenvolvimento biotecnológico e a governamentalidade neoliberal estão cada vez mais amarrados.

Para além das teorias conspiratórias e das distopias apresentadas em *Black Mirror*, vivemos em um período onde constroem-se novas formas de ser, de viver e de produzir realidade(s). Ao mesmo tempo que a *internet* é vista como um espaço democrático, há uma reorganização das relações de poder e novos dispositivos de controle, captura e condução dos sujeitos. O capital pós-humano abre um leque de novas formas de investimento de si, mas também opera a partir do ímpeto neoliberal da competitividade. Como a educação pode contribuir para uma sociedade que utilize as biotecnologias de forma ética? Como educar cidadãos que aprendam e libertem-se dessas amarras? Penso que o capital pós-humano é um ponto de partida para as respostas desses fenômenos, entretanto, cabe a nós, enquanto comunidade global, pós-humana e cibernética nos atentarmos aos perigos da sedução e do deslumbramento das redes sociais.

A conectividade, a *internet* e a aceleração do desenvolvimento biotecnológico são irreversíveis, da mesma forma que permanecer conectado é um desejo e uma necessidade. Será que não está na hora de buscarmos novas conexões?

6

LOGOFF: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das características do pós-humano é sua permanência na rede, sua interconectividade. Estamos conectados 24 horas por dia: o hábito de manter o celular ligado mesmo enquanto dormimos tornou-se natural, a proliferação do *sleep mode*⁵¹ integra um número cada vez maior de aparelhos digitais. Entretanto, diferente dos artefatos biotecnológicos, uma dissertação precisa de um *logoff*, um ponto final. Assim, utilizo essa seção deste trabalho como uma forma de concluir algumas questões relacionadas as redes sociais e apontar outros caminhos possíveis dentro da perspectiva pós-humana e a educação.

As redes sociais compõem hoje um espaço integrado, que concentra um número cada vez maior de funções e nos inclina para uma centralização do conteúdo digital. Mais do que uma plataforma de circulação de fotos e elogios, contas em *sites* como o *Facebook* são utilizadas no cadastro de lojas e na contratação de serviços *online* diversos. Estaria o *Facebook* tornando-se uma espécie de identidade digital, substituindo o IP? As polêmicas recentes envolvendo a venda de dados dos usuários abre espaço para diversas teorias que envolvem tanto a orquestração de um “controle global” como uma ferramenta de censura e direcionamento da opinião pública. Para além dessas teorias, penso que as redes sociais constituem um campo bastante fértil dentro da pesquisa acadêmica pois envolvem hábitos, comportamentos, tendências e, neste caso, subjetividades.

No que se refere às redes sociais e ao neoliberalismo, é perceptível a relação do “eu espetacularizado” com o *homo economicus*. O investimento de si é uma realidade nas redes e possibilita que as pessoas exibam suas capacidades, busquem oportunidades de emprego, vendam produtos e aprimorem seu capital pós-humano. Da mesma forma, o comportamento nas redes pode ser um fator decisivo na conquista ou na perda de um emprego. Uma tendência atual dos setores de recursos humanos é

⁵¹ Modo no qual os aparelhos permanecem disponíveis para atualizações ou troca de mensagens mesmo que não estejam sendo utilizados

avaliar o perfil dos candidatos em suas páginas pessoais ou demitir funcionários que façam publicações que contradizem os valores da empresa. A disponibilidade de distrações na *internet* também afeta o que se entende por rendimento e produtividade, fazendo com que os funcionários deixem de realizar funções para responder mensagens ou curtir fotos⁵². Nessa direção, algumas empresas já procuram por formas de controlar o uso do celular por parte de seus colaboradores numa tentativa de (re)disciplinar seus corpos. Acredito que esse é um processo interessante pois envolve uma necessidade de reintroduzir o corpo (entendido aqui em uma perspectiva pós-humana, ou seja, um corpo ciborgue que se estende a partir do uso do *smartphone*) nos processos disciplinares.

Percebi também que, assim como os anos 1980 dos *steampunks*, nossa década produz muitos artefatos culturais que visam compreender, tensionar e profetizar nossa relação com a tecnologia abordando a clonagem, androides com tendências psicopatas, ou até mesmo homens que se apaixonam por sistemas operacionais. Em uma sociedade marcada pela *internet* das coisas, o que antes parecia um futuro distante hoje torna-se um fenômeno dentro de um “futuro presente”, ou seja, um espaço temporal com o qual nos identificamos. O filme *Her*⁵³ é bastante emblemático nesse sentido, pois apresenta um futuro nas mesmas cores de *Nosedive* e uma sociedade cujos tons, cenários e comportamentos nos causam uma sensação de familiaridade.

Ainda há muitos outros produtos culturais para analisarmos as subjetividades que marcam a contemporaneidade, e *Black Mirror* é um artefato muito rico para tanto. Apesar de *Nosedive* enfatizar a espetacularização de si nas redes sociais, considero que estudos das ciências políticas podem utilizar-se dos espelhos da série para compreender melhor a forma como os ciberespaços vêm transformando a política. As eleições de 2018 no Brasil são um exemplo bastante claro da necessidade de

⁵² De acordo com um estudo realizado pelo *ProdutivoApp*, os funcionários brasileiros gastam cerca de uma hora diária utilizando as redes sociais durante a jornada de trabalho. O dia da semana e o horário também tem influência nesse fenômeno. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/mercado/137681-brasileiros-gastam-1h-dia-redes-sociais-trabalho.htm>. Acesso em: 09/01/2019.

⁵³ Lançado em 2013, o filme dirigido por Spike Jonze aborda o amor entre um homem solitário e o sistema operacional de seu celular.

pensarmos o *WhatsApp* (e demais aplicativos e redes sociais) como um espaço político, um campo onde as eleições e a disputa político-partidária também ocorrem. A proliferação das *fake news*⁵⁴ nos apontam para a necessidade de um processo de educação digital que propicie aos sujeitos uma leitura crítica das informações que transbordam no ciberespaço.

No que tange ao sistema de crédito social, considero que ele simboliza um importante deslocamento nos sistemas avaliativos *online*. As avaliações constituem-se como elementos presentes em diversos sites: podemos classificar o quão satisfeitos estamos com um produto, um serviço e até mesmo com a forma como fomos tratados por uma empresa ou um vendedor em sites como o *Mercado Livre* e a *Amazon*. Essas avaliações têm como função classificar a qualidade de um objeto, regular e homogeneizar determinadas práticas e formas de atendimento (responder as perguntas dos usuários, enviar o produto de forma segura e rápida, por exemplo).

A título de ilustração, trago como exemplo o aplicativo *Uber*, um serviço de caronas onde motoristas e passageiros relacionam-se a partir de um sistema avaliativo que vai de zero a cinco estrelas e envolve critérios como a extroversão, o asseio e a segurança. Assim, ao avaliar um ao outro, motorista e passageiro estão criando normas de comportamento e regulando o que se espera tanto do serviço oferecido quanto de sua utilização. Se a nota do motorista for alta o suficiente ele pode inscrever-se no *UberBlack* e participar de corridas que custam mais caro para o passageiro, pois envolvem um atendimento de maior qualidade. Da mesma forma, uma nota baixa significa a suspensão da conta do usuário (seja ele um motorista ou um passageiro). Há de se pensar nas consequências desses processos, tendo em vista que o objetivo chinês consiste de criar um sistema de crédito social estatal que visa regular toda a população. Estaríamos caminhando em direção à distopia anunciada em *Nosedive*?

O crédito social amplifica o alcance das avaliações pois perpassa questões que não envolvem necessariamente uma relação entre vendedor/produtor e consumidor. Dessa forma, os sujeitos estão sendo avaliados tanto em seu âmbito profissional como pessoal, pois seu comportamento, suas atitudes e interesses também influenciam na

⁵⁴ Fake News é como são denominadas as “notícias falsas” que circulam na *internet*.

forma como são classificados socialmente. Em uma sociedade baseada em notas (tanto no caso chinês como em *Nosedive*) as pessoas buscam governar-se em troca de privilégios.

Esta pesquisa teve como ponto de partida meu desejo de trabalhar com uma temática nova, que envolvesse discussões para além da medicalização da educação. Entretanto, adentrar uma nova temática de pesquisa não foi uma tarefa fácil levando em consideração o leque de possibilidades investigativas. Uma das principais (se não a maior) dificuldade que encontrei nessa dissertação foi selecionar um artefato cultural e fazer um recorte de um objetivo tão amplo, visto que a biotecnologia vem transformando a vida dos sujeitos de maneiras diversas. A história da humanidade é íntima da manipulação de técnicas e objetos, entretanto, a contemporaneidade marca um aumento exponencial no número de descobertas e conhecimentos que interferem diretamente nas formas como organizamos a sociedade, a política, a cultura, a economia, etc.

Apesar de recentes na pesquisa em educação, as “discussões pós-humanas” já têm uma trajetória de décadas em outros campos do saber. Nessa direção, aponto para a potencialidade de utilizarmos essa ferramenta em nossas pesquisas levando em consideração que as instituições e, conseqüentemente, a escola, também são o espaço de circulação dessa nova subjetividade.

O desenvolvimento biotecnológico não é uma temática nova ou escassa na literatura atual. Utilizo o termo literatura e não pesquisa pois diversas revistas, blogs, programas de televisão e comunidades abordam a temática sem necessariamente seguir (ou preocupar-se com) critérios acadêmicos. A curiosidade acerca das novas possibilidades implicadas pela tecnologia integra o imaginário em uma série de produções que visam contar em primeira mão como serão organizadas as “casas do futuro”, por exemplo.

Nessa direção, em uma sociedade cada vez mais digitalizada e informatizada o papel e a existência da escola também são questionados, partindo de problemáticas que envolvem a necessidade de uma maior flexibilização curricular, a inclusão digital e a capacitação do aluno para que este utilize as informações disponibilizadas *online* de

forma segura, ética e eficaz. Findando essas considerações, penso que a temática pós-humana irá ganhar um espaço cada vez maior dentro da academia e da pesquisa em educação.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O que é contemporâneo? In: _____. **O que é contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009, p. 55-77.

AGUILAR, M. A. B.; GONCALVES, J. P. Conhecendo a perspectiva pós-estruturalista: breve percurso de sua história e propostas. **Revista Conhecimento Online**, v. 1, p. 36-44, 2017.

AMARAL, Adriana. Cyberpunk e pós-modernismo. **BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, v. 1, p. 01-07, 2003.

ANDRADE, Paula Deporte & SILVA, Mozart Linhares da. Pedagogias Culturais, homo economicus e neoliberalismo: propostas para pensar a educação contemporânea. **Momento: diálogos em educação**, v. 26, n. 2, p. 44-63, jan./jun. 2017.

BAKARE, Lanre. **Netflix has forever changed the way we consume television**. Disponível em: <<https://www.ifpi.org/news/IFPI-releases-2018-music-consumer-insight-report>>. Acesso em 13 nov. 2018.

BAUMER, Franklin L. *O Pensamento europeu moderno*. V. 1, Lisboa: Edições 70, 1990.

BROOKER, Charlie. **Creator Charlie Brooker Explains... | Black Mirror: White Christmas**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=U2YPxSDIoPE>>. Acesso em 15 jun. 2018.

BECKER, Gary. **Human Capital: A Theoretical and Empirical Analysis with Special Reference to Education**. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

CANDIOTTO, César. **Foucault e a crítica da verdade**. Belo Horizonte: Autêntica; Curitiba: Champagnat, 2013.

CLYNES, M. E.; KLINE, N. S. Cyborgs and space. **Astronautics**. Setembro de 1960. Disponível em: <http://www.guicolandia.net/files/expansao/Cyborgs_Space.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2018.

DELEUZE, Gilles. Controle e devir. In: _____. Conversações. Rio de Janeiro: Trinta e Quatro, 1992, p. 209 – 218.

DESTA, Yolanda. The very Millennial way Sophie Turner beat a “better” actress. 2017 Disponível em: <https://www.vanityfair.com/hollywood/2017/08/sophie-turner-social-media>. Acesso em: 09/01/2019.

DUARTE, André Macedo. Foucault e a governamentalidade: genealogia do liberalismo e do Estado Moderno. In: VEIGA-NETO, Alfredo; Castelo Branco, Guilherme. (Org.). **Foucault, Filosofia e Política**. Belo Horizonte: Belo Horizonte, 2011, v. 1, p. 25-45.

FABRIS, Elí Teresinha Henn. Cinema e Educação: um caminho metodológico. **Educação e Realidade**, v. 33, n. 1, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/6690/4003>. Acesso em: 13 nov. 2018.

FONSECA, Márcio Alves da. Para pensar o público e o privado: Foucault e o tema das artes de governar. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2013.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GADELHA, Sylvio. **Biopolítica, governamentalidade e educação: introdução e conexões, a partir de Michel Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

GÓMEZ, A. I. Perez. **Educação na Era Digital: a escola educativa**. Tradução Marisa Guedes. Porto Alegre: Penso, 2015.

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus: uma breve história do amanhã**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz (org.). **Antropologia do ciborgue** – as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2009.

HATTON, Celia. China 'social' credit: Beijing sets up huge system. 2015. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-china-34592186>. Acesso em 09/01/2018.

HILLESHEIM, Betina. Políticas públicas e educação: desdobramentos para a pesquisa. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 10, n. 3, 2015. Disponível em: < <http://seer.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8092>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

JARDIM, Alex Fabiano Correia. Michel Foucault e a educação: investimento político do corpo. **UNIMONTES científica**. Montes Claros, v. 8, n. 2, p. 103 – 117, jul./dez. 2006.

JEFFERSON, Ed. No, China isn't Black Mirror – social credit scores are more complex and sinister than that. 2018. Disponível em: <https://www.newstatesman.com/world/asia/2018/04/no-china-isn-t-black-mirror-social-credit-scores-are-more-complex-and-sinister>. Acesso em 09/01/2019.

KIETZMANN, Jan; HERMKENS, Kristoffer; McCARTHY, Ian P. * SILVESTRE, Bruno, Social Media? Get Serious! Understanding the Functional Building Blocks of Social Media. **Business Horizons**, v. 54, n. 3, 2011.

LAGASNERIE, Geoffroy de. **A última lição de Michel Foucault**. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

LE MOS, André. **Isso (não) é muito Black Mirror**: passado, presente e futuro das tecnologias de comunicação e informação. Salvador: EDUFBA, 2018.

LOPES, Maura Corcini. Políticas de inclusão e governamentalidade. **Educação e Realidade**, v. 34, p. 153-170, 2009.

LOUREIRO, Carine Bueira; LOPES, Maura Corcini . A promoção da inclusão digital e a constituição do homo oeconomicus accessibilis. **Educação (PUCRS)**, v. 38, p. 329-339, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. Conhecer, pesquisar, escrever... **Educação, Sociedade & Culturas**, nº 25, 2007, p. 235-245.

MAIA, Antônio C. Sobre a analítica do poder de Foucault. **Tempo Social**, v. 7, nº 1/2, 1995, 83-103.

MIGOVSKI, Eduardo Seixas. O ethos neoliberal e a formação da sociedade de controle. **Revista Transversos**, v. 4, n. 4, 2015.

MOLINA, S. F. Ciborgue: a mente estendida de Andy Clark. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal de São Carlos, 2007.

MUKHERJEE, Siddhartha. **O gene: uma história íntima**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MY. Zhima Credit – Will Alibaba’s social credit turn China into a “Black Mirror” episode? 2018. Disponível em: <https://rctom.hbs.org/submission/zhima-credit-will-alibabas-social-credit-system-turn-china-into-a-black-mirror-episode/>. Acesso em 09/01/2018.

NARODOWSKI, Mariano. **Comenius & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

RABINOW, Paul.; ROSE, Nikolas. O conceito de biopoder hoje. **Política & Trabalho: Revista de Ciências Sociais**, João Pessoa, n. 24, abr. 2006.

READ, Jason. A Genealogy of homo-economicus: Neoliberalism and the production of subjectivity. **Foucault Studies**, n. 6, p. 25-36, fev. 2009.

ROLLET, Charles. The odd reality of life under China’s social credit system. 2018. Disponível em: <https://www.wired.co.uk/article/china-social-credit>. Acesso em 09/01/2019.

ROCHA, Simone Maria. Os estudos culturais e a análise cultural da televisão: considerações teórico-metodológicas. **Animus** (Santa Maria), v. 10, 2011.

SANTAELLA, Lucia. Pós humano. Por quê? **Revista USP**, v. 74, p. 126-137, 2007.

SCHULTZ, Theodore W. Investment in human capital. **American Economic Review**, v. LI, n. 1, p. 1-17, 1961.

SIBILIA, Paula. **La intimidad como espetáculo**. Buenos Aires: Fondo del Cultura Económica de Argentina, 2012.

_____. **O homem pós-orgânico**: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

_____. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

_____. Marketing pessoal nas redes sociais, por Paula Sibilia. 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZV6Mrs_w_dI. Acesso em 07/01/2018.

_____. Trilha de Letras recebe Paula Sibilia. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bOCGw4EYYQM>. Acesso em 07/01/2018.

SILVA, Mozart Linhares da. O significado da expansão ultramarina lusitana para a modernidade. **Ágora**, Santa Cruz do Sul, v. 5, n. 1, p. 33-58, jan. 1999.

SILVA, Roberto Rafael Dias da; FABRIS, Elí Terezinha Henn. O jogo produtivo da educabilidade/governamentalidade na constituição de sujeitos universitários. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 44, p. 352 – 363, maio/ago. 2010.

THOMA, Adriana da Silva. **O cinema e a flutuação das representações surdas**: "Que drama se desenrola neste filme? Depende da perspectiva ..." 2002. 258 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

VEIGA-NETO, Alfredo. Educação e governamentalidade neoliberal: novos dispositivos, novas subjetividades. In: PORTOCARRERO, Vera; CASTELO BRANCO, Guilherme. (Org.). **Retratos de Foucault**. Rio de Janeiro (RJ): NAU, 2000.

_____. Governamentalidades, neoliberalismo e educação. In: VEIGA-NETO, Alfredo; CASTELO BRANCO, Guilherme (Org.). **Foucault, filosofia e política**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

ANEXOS

ANEXO I – Tabela de decupagem

CENA	DESCRIÇÃO	PERSONAGENS	NOTA DE LACIE
#1	<ul style="list-style-type: none">- Lacie se exercita enquanto utiliza o celular. Troca de avaliações com um dos homens do grupo de corredores;- Local: subúrbio;- Cores/roupas: casas em tons neutros, flores claras. Lacie suada e ofegante.	Lacie e grupo de corredores.	N/A
#2	<ul style="list-style-type: none">- Lacie treina diferentes tipos de risada em seu banheiro;- Local: residência;- Cores/roupas: azul e rosa bebê. Roupão e toalha.	Lacie	4,243
#3	<ul style="list-style-type: none">- Lacie e Ryan discutem onde irão morar com o término do contrato de aluguel;- Local: residência;- Cores/roupas: móveis de uso comum são brancos. Os objetos de Lacie (almofadas, xícaras e manta) são rosa. Os de Ryan (prancha de surf, alimentos fora do lugar) são azuis. Lacie está arrumada para trabalhar com uma blusa fechada e cabelo preso. Ryan está vestindo roupas folgadas e está despenteado.	Lacie e Ryan	4,243
#4	<ul style="list-style-type: none">- Lacie avalia pessoas enquanto é atendida em uma padaria;- Troca avaliação com o funcionário (3,7) e outras pessoas frequentando o espaço;- Come o lanche e apesar de não gostar tira uma foto para seu perfil;- Local: padaria;- Cores/roupas: predominância de cores neutras até nas vestimentas. As mulheres têm o cabelo atado em penteados e usam cortes de roupa que tapam seu decote. Ninguém usa acessórios que destoam do padrão de vestimentas: blazers, camisas e camisetas polo, vestidos leves e tecidos de seda.	Lacie e demais pessoas na padaria.	4,259
#5	<ul style="list-style-type: none">- Lacie e Bethany (4,6) pegam o elevador para o trabalho juntas;- Lacie procura na página de Bethany uma forma de puxar assunto.- Cores/roupas: ambas seguram a bolsa do mesmo jeito.	Lacie e Bethany	N/A

	- Local: elevador		
#6	<ul style="list-style-type: none"> - Lacie observa o desempenho da foto que postou de sua refeição e acessa o perfil de Naomi (4,8), que posta selfies e fotos com animais e fazendo yoga na praia; - Chester (3,1) oferece smoothies para os colegas de trabalho como uma forma de aumentar sua nota. Chester terminou um relacionamento e todos ficaram do lado do seu ex, por isso foi negativedo. - Lacie pega uma, o bem avalia, mas é negativeda por colegas anônimos. - Local: escritório onde Lacie trabalha; - Cores/roupas: mesmas cores e vestimentas do ambiente da padaria. 	Lacie, Chester e outros funcionários da empresa.	4,267 4,281 4,275
#7	<ul style="list-style-type: none"> - Lacie se encontra com uma corretora de imóveis para conhecer novas opções de moradia; - A agente utiliza hologramas para mostrar como a vida de Lacie seria na casa nova, incluindo um relacionamento na fantasia; - Lacie fica sabendo de um programa de descontos de 20% para pessoas com uma nota maior que 4,5. 	Lacie, corretora de imóveis, Lacie e parceiro hologramas.	N/A
#8	<ul style="list-style-type: none"> - Lacie observa novamente o perfil de Naomi (4,8) e outros <i>prime users</i>; - Ryan (3,7) aparece e faz piadas sobre o residencial que Lacie decidiu morar, falando que as pessoas lá não são felizes de verdade e que ela não é qualificada o bastante para viver lá; - Local: residência. 	Lacie e Ryan.	N/A
#9	<ul style="list-style-type: none"> - Lacie tem uma reunião na <i>Reputelligent</i>, uma empresa que auxilia pessoas a conseguirem uma nota mais alta; - Baseado em uma análise do perfil de Lacie, o coach elogia sua persistência e acha possível que ela alcance a nota de 4,5 em 18 meses; - Lacie poderia alcançar a nota em menos tempo se conseguisse um <i>boost</i>, ou seja, passasse a se relacionar com pessoas com notas altas; - Local: agência Reputelligent. 	Lacie e o coach.	N/A
#10	<ul style="list-style-type: none"> - Nesta cena, acompanhamos novamente Lacie em seu exercício e na padaria. Dessa vez, determinada a melhorar sua avaliação, ela aparece com o mesmo penteado da Lacie holograma, sua versão realizada. - Chester (2,4) a para na frente do trabalho e pede ajuda pois a porta não abre para uma pessoa com nota inferior a 2,5; - Os seguranças barram Chester e permitem a passagem de Lacie; - No elevador, Lacie oferece um croissant para Bethany, que recusa o presente e a avalia negativamente; Local: subúrbio, padaria e elevador. 	Lacie, Chester e Bethany.	4,281
#11	<ul style="list-style-type: none"> - Lacie questiona como sua simpatia foi negativeda. O coach diz que pessoas bem avaliadas percebem esse exagero como um desespero e que Lacie precisa ser autêntica; - Lacie procura nas postagens de Naomi uma forma de manter-se bem avaliada e decide postar uma foto de Mr. Rags, um ursinho de pelúcia, para chamar a atenção da amiga; - A foto é um sucesso e Lacie consegue atrair a atenção de Naomi. - Local: escritório. 	Lacie, coach.	N/A
#12	<ul style="list-style-type: none"> - Lacie procura receitas diferentes para fotografar e se mancha fazendo tapenadas; - Ryan provoca a irmã questionando suas atitudes; - Naomi liga para Lacie que fica desesperada com suas roupas manchadas de comida e se cobre com um tecido. Durante a ligação, ambas forçam apelidos e exageram em suas reações. Naomi a convida para ser dama de honra de seu casamento. Lacie finge não saber o nome do noivo, apesar de acompanhar o perfil do casal. - O casamento é a grande chance de Lacie se inserir em um círculo social importante e conquistar uma avaliação de pessoas bem avaliadas; - Terminada a ligação, Ryan questiona porque Lacie aceitou o convite quando Naomi sempre a tratava mal e transou com seu ex-namorado; - Local: residência. 	Lacie, Ryan e Naomi.	N/A
#13	<ul style="list-style-type: none"> - Lacie leva a lista de convidados do casamento para seu coach, que concorda que o evento é a sua grande chance de conseguir melhorar sua avaliação; - Animada, Lacie confirma o aluguel da casa com a corretora de imóveis e garante que irá ter um crescimento em sua nota. - Local: agência Reputelligent, subúrbio. 	Lacie, coach, corretora de imóveis.	N/A
#14	<ul style="list-style-type: none"> - Lacie pratica seu discurso para Ryan, que considera a forma como a irmã controle suas emoções um sinal de sociopatia; 	Lacie e Ryan.	N/A

	<ul style="list-style-type: none"> - Os irmãos brigam. Ryan a acusa de utilizar o casamento como uma forma de se autopromover e que está obcecada pelas avaliações e por ser bem avaliada. Lacie confessa que não era feliz morando com ele e que nunca convidou ninguém para visitá-los pois sente vergonha de viver com uma pessoa de nota 3,7. Além das ofensas, os irmãos também trocam avaliações negativas; - Saindo de casa para pegar seu táxi, Lacie derruba seu café em uma mulher e é novamente negativada; - Local: residência. 		
#15	- No táxi, Lacie recebe uma ligação de Naomi e recebe outra avaliação negativa pois o taxista acha suas reações falsas;	Lacie e taxista.	4,183
#16	<ul style="list-style-type: none"> - Ao chegar no aeroporto, Lacie descobre que seu voo foi cancelado e que não conseguiria ir ao casamento pois todos os aviões estavam cheios. A atendente consegue encontrar um lugar para Lacie, mas ao conferir sua nota (4,1) diz que o assento é reservado para pessoas com nota superior a 4,2; - Indignada, Lacie fala palavrões e grita. As pessoas observando a cena reduzem sua nota e a segurança utiliza sua autoridade para tirar um ponto de Lacie, bem como, coloca-la numa sentença na qual todas suas avaliações negativas terão o dobro de peso. - Local: aeroporto; 	Lacie, atendente, segurança e pessoas no aeroporto.	3,183
#17	- Expulsa do aeroporto, Lacie precisa alugar um carro. Como sua nota é menor que 4, ela consegue apenas um modelo ultrapassado.	Lacie, funcionário da empresa de locação.	N/A
#18	<ul style="list-style-type: none"> - Durante a viagem, Lacie permanece treinando suas reações ao discurso e decorando suas falas. - Ao receber uma ligação de Naomi e explicar sua situação, Lacie promete que chegará ao casamento e fica aflita esperando que Naomi avalie bem a ligação entre as duas; - A bateria do carro de Lacie está perto do fim e ela dirige-se a um posto de recarga. Como seu modelo é ultrapassado, o local não possui um carregador compatível; - Apesar de ser mal atendida pelo funcionário, Lacie o avalia com cinco estrelas na esperança de receber uma boa avaliação. O funcionário a avalia apenas com duas estrelas e justifica a nota por não considerar o encontro entre os dois significativo. - Sem conseguir um carregador, Lacie decide pedir carona na estrada. - Local: posto de recarga. 	Lacie e Naomi.	3,151 3,155
#19	<ul style="list-style-type: none"> - Na beira da estrada, Lacie encontra dificuldade para conseguir uma carona. Os motoristas suspeitam de sua nota baixa e a avaliam negativamente; - Lacie continua caminhando até ser parada por um caminhão. Susan (1,423), a motorista, oferece uma carona para Lacie que, relutante, aceita; - Durante a viagem, Lacie procura no perfil de Susan algum sinal de perigo. Susan confessa que já foi uma usuária bem avaliada e que costumava viver por suas notas, mas que, em decorrência da morte de seu marido, deixou de se importar com as avaliações pois elas não foram suficientes para salvar seu marido. Apesar dos esforços de Susan, Tom (4,3) perdeu a vaga em um tratamento exclusivo para outro enfermo, que tinha a nota (4,4); - Susan diz que Lacie deveria tentar o mesmo, mas Lacie nega dizendo que ainda não conseguiu construir nada em sua vida e que seu interesse em ser bem avaliada é para garantir uma vida feliz; - Como Susan estava indo para outra direção, as duas se despedem e Lacie precisa procurar outra carona. - Local: estrada. 	Lacie, motoristas, Susan.	2,865 2,805
#20	<ul style="list-style-type: none"> - Enquanto treinava seu discurso no banheiro, Lacie escuta a conversa de um grupo que se dirigia para uma convenção de um programa de televisão. Lacie faz uma pesquisa rápida sobre o programa e engana as meninas para conseguir uma carona; - Durante a viagem, Lacie recebe uma ligação de Naomi, que a proíbe de ir até o casamento com sua nota 2,6. Questionada por Lacie, Naomi confessa que só tinha a convidado porque queria melhorar sua reputação; - As fãs descobrem a farsa de Lacie e a expulsam da van; - Local: estrada. 	Lacie, fãs, Naomi	2,6
#21	<ul style="list-style-type: none"> - Na estrada, Lacie grita, perde notas e começa seu lapso de autenticidade. Após conseguir uma moto, ela dirige-se ao casamento; - Local: estrada; 	Lacie	N/A

	- Cores/roupas: conforme a raiva de Lacie aumenta, seu cabelo fica despenteado.		
#22	- Lacie invade o casamento. Suja e despenteada, ela decide iniciar seu discurso, enquanto os convidados a filmam e questionam o motivo dela estar no evento. Cercada de pessoas a avaliando negativamente, Lacie tem um último surto antes de ser presa. - Local: casamento de Naomi;	Lacie, Naomi e convidados do casamento.	1,1 0,0
#23	- Na cadeia, Lacie perde seu celular e as lentes que utiliza para acessar ao aplicativo. Sozinha em sua cela, ela sorri; - Decida a falar o que pensa, a personagem troca ofensas com outro presidiário; Local: cela.	Lacie e o presidiário.	N/A